



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

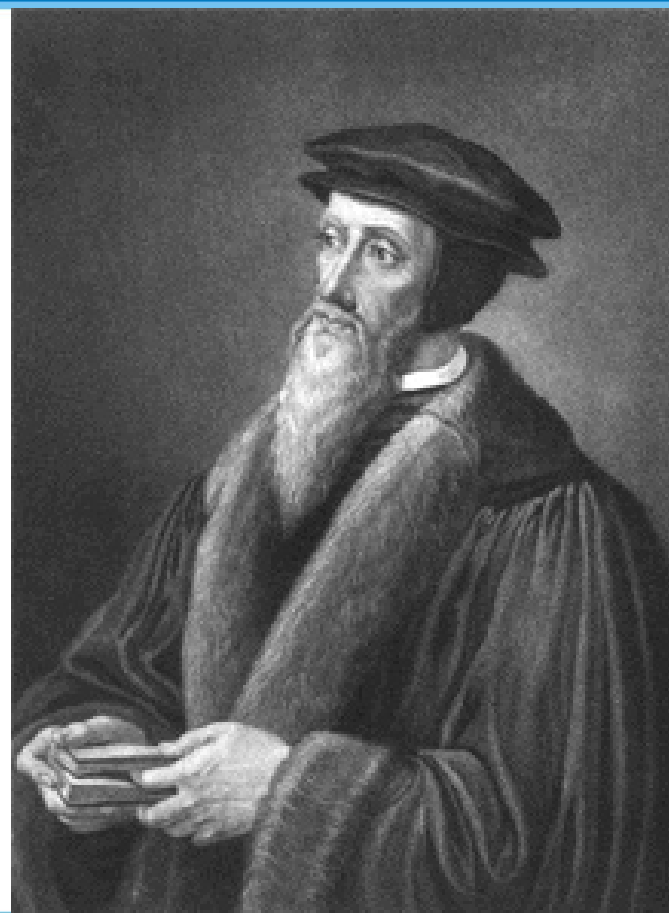


IHU ENLINO

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

**Calvino
1509-1564.**

**Teólogo,
reformador e
humanista**



Leonildo Silveira Campos
A Reforma 500 anos depois de Calvino.

Yves Krumenacker
Calvino. Um revolucionário ou um conservador?

Ricardo Rieth
Uma teologia a caminho

E mais:

>> **Maria Celina D'Araújo:**
As Forças Armadas no Brasil e
na América Latina

>> **Antoine Artous:**
O mundo do trabalho
e o marxismo

316

Ano IX
23.11.2009
ISSN 1981-8469

Calvino - 1509-1564



Celebram-se, neste ano, os 500 anos de nascimento do reformador francês **João Calvino** (1509-1564).

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU, dedicou um amplo espaço nas **Notícias do Dia**, publicadas e atualizadas diariamente na sua página eletrônica, a este importante evento. Esta edição da **IHU On-Line** quer aprofundar a análise e o debate sobre o legado deste grande teólogo, reformador e humanista.

Contribuem nesta edição o filósofo e o teólogo presbiteriano **Leonildo Silveira Campos**, da Umesp; **Bernard Cottret**, biógrafo francês de Calvino, da Universidade de Versailles - Saint-Quentin; **Carlos Eduardo Oliveira**, professor da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, um dos tradutores de *A instituição da religião cristã*, obra em dois volumes de João Calvino, para o português; **Yves Krumenacker**, da Universidade Lyon 3, historiador, autor do livro *Calvin. Au-delà des legendes* (Paris, Bayard, 2009); **Volker Leppin**, decano da Faculdade de Teologia da Universidade de Jena; **Hermis-ten da Costa**, pastor e professor do Seminário Presbiteriano Reverendo José Manoel da Conceição; **Ricardo Rieth**, professor da Universidade Luterana do Brasil - Ulbra, e da Escola Superior de Teologia - EST; e **Risto Saarinen**, pastor da Igreja Evangélica Luterana e professor da Universidade de Helsinki.

Completam esta edição as entrevistas com **Maria Celina D'Araújo**, cientista política e professora da PUC-Rio e com **Ana Luísa Janeira**, professora da Universidade de Lisboa.

Agradecemos ao professor **Henrique Amorim**, pesquisador do Departamento de Sociologia da Unicamp, a entrevista que fez com **Antoine Artous**, autor de *Marx et le travail* (Editions Syllepse, abril 2003) e membro do comitê de redação da revista *ContreTemps*, e que publicamos nesta edição.

A todos e a todas, uma ótima leitura e uma excelente semana!

UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br) e Juliana Spitaliere. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.unisinos.br/ihu. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 07 | Bernard Cottret: A purificação calvinista do cristianismo

PÁGINA 09 | Ricardo Rieth: Uma teologia a caminho

PÁGINA 12 | Leonildo Silveira Campos: A Reforma 500 anos depois de Calvino

PÁGINA 19 | Carlos Eduardo de Oliveira: Para Calvino, a eleição divina independe até mesmo da fé

PÁGINA 24 | Yves Krumenacker: Calvino. Um revolucionário ou um conservador?

PÁGINA 26 | Volker Leppin: A teologia política de Calvino

PÁGINA 27 | Hermisten Maia Pereira da Costa: A fé reformada e os compromissos existenciais inevitáveis

PÁGINA 31 | Risto Saarinen: “A Reforma, sem dúvida, foi um movimento com forte tonalidade hermenêutica”

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 33 | Maria Celina Soares D’Araújo: O papel das Forças Armadas no Brasil e na América Latina

» Entrevista da Semana

PÁGINA 36 | Antoine Artous: O mundo do trabalho e o marxismo

» Teologia Pública

PÁGINA 41 | Ana Luísa Janeira: “A energia máxima será sempre o amor”

» Coluna Cepos

PÁGINA 44 | Rodrigo Jacobus: A cultura do excesso e alguns mitos da interatividade

» Destaques On-Line

PÁGINA 46 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos »

» IHU Repórter

PÁGINA 50 | Gelson Fiorentin





INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ONLINE

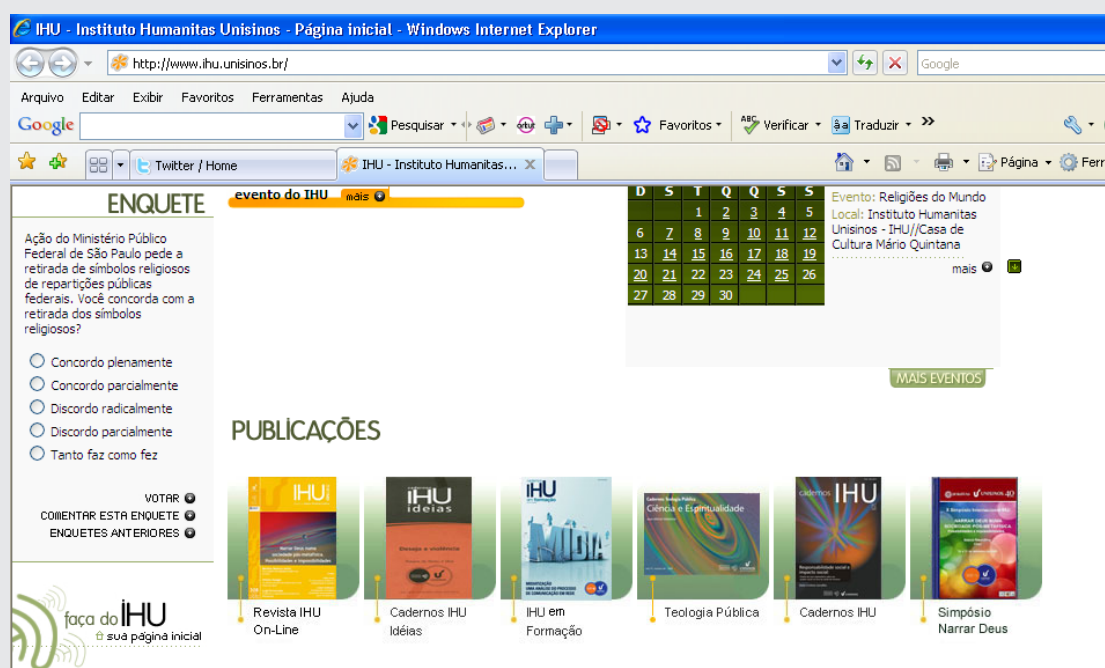
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



Livro digital do Simpósio Narrar Deus é lançado



Livro digital do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa Sociedade Pós-Metafísica. Possibilidades e impossibilidades com os textos das oficinas, minicursos e comunicações do evento está disponível no sítio do IHU.

Acesse www.ihu.unisinos.br e faça o *download* do livro digital do Simpósio Narrar Deus.



João Calvino

Nascimento 10/07/1509, em Noyon, França
Falecimento 27/05/1564, em Genebra, Suíça

chegando a distinguir-se como humanista. Encaminhado para a teologia por seu pai, Calvino foi enviado para uma capela da Catedral de Noyon, depois para a paróquia de Marteville.

Três anos mais tarde, convidado a ensinar teologia, Calvino passou a viver em Genebra, unindo-se ao reformador Guillaume Farel. Uma tentativa mal-sucedida de implantar os costumes reformados acabou causando celeuma e levando Calvino ao exílio, em 1538.

Mudou-se para Estrasburgo, onde, em agosto de 1540, casou-se com a viúva Idelette de Bure, com quem viveria por nove anos. Com a morte da esposa, Calvino seguiu cuidando dos filhos dela.

Em 1541, retornou a Genebra, onde criou um modelo institucional para a Igreja reformada. Publicou as suas *Ordenanças Eclesiásticas* naquele ano. A partir de então, ocupou-se do aprimoramento e da difusão da nova doutrina, expandindo-a para outros centros europeus.

Em seus últimos anos, estava com a saúde debilitada. João Calvino morreu no dia 27 de maio de 1564, após um acesso de hemoptise.

Fonte: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u191.jhtm>

“O Senhor teve piedade de mim, sua pobre criatura; (...) Ele me estendeu a Sua misericórdia para anunciar a verdade do Evangelho”. Com estas palavras, autodefiniu-se o reformador humanista João Calvino, fundador da Igreja protestante na França.

De origem humilde, Calvino era filho de um tabelião, secretário do bispo de Noyon. Ingressou no Colégio dos Capeto e depois foi admitido entre os filhos do Senhor de Monmor, compartilhando com eles sua educação.

Em agosto de 1523, iniciou seus estudos na Universidade de Paris, onde aprendeu latim, filosofia e dialética,

Com a mudança dos planos paternos, Calvino direcionou-se para o direito. Entre 1528 e 1533, frequentou as universidades de Orleans e de Bourges. Em 1532, publicou sua primeira obra, *Dois livros sobre a Clemência ao Imperador Nero*, em que comentou o pensamento de Sêneca sobre a clemência. Aos poucos, foi-se aproximando das questões morais e religiosas e do pensamento de Lutero, o reformador da Igreja católica na Alemanha.

Em 1533, sua distância em relação ao catolicismo tornou-se pública, com a redação de um discurso contendo matéria religiosa considerada herética. Dois anos depois, concluiu sua obra mais famosa, a *Instituição da Religião Cristã*, que lhe rendeu grande prestígio.

A purificação calvinista do cristianismo

Para Bernard Cottret, Lutero e Calvino têm teologias próximas por “sua afirmação da justificação pela fé ou sua recusa do sacrifício da missa”. Há diferenças, contudo. Não existe atualidade em si de Calvino, mas constante exigência de renovação interior

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

O calvinismo não pode se reduzir apenas à predestinação, diz o biógrafo francês de Calvino, Bernard Cottret. Em entrevista especial à **IHU On-Line**, por e-mail, ele explica também em que medida essa religião pode ser considerada uma reação ao protestantismo e ao catolicismo. “A purificação calvinista do cristianismo consiste em extirpar impiedosamente a idolatria, incluindo a liturgia. Praticamente não há arte sacra calvinista - quando há evidentemente uma arte sacra luterana, anglicana, para não falar da arte sacra católica, e do estilo jesuíta”. Em sua opinião, um bom calvinista não deveria dizer-se “calvinista”, já que “em sua origem, o calvinismo é uma invenção de luteranos da segunda ou terceira geração, hostis à teologia de Calvino, em particular sobre as questões eucarísticas”.

Cottret é professor da Universidade de Versailles - Saint-Quentin e membro do Instituto Universitário da França. É autor de, entre outros, *Calvin. Biographie* (2ª. Ed. Paris: Payot, 1999). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que medida Calvino teria sido para a língua francesa o que Lutero¹ foi para a língua alemã - uma figura quase paternal?

Bernard Cottret - Calvino e Lutero ocupam situações inversas: Lutero é percebido pelos alemães de todas as confissões como o fundador de seu idioma. Sua tradução da Bíblia é uma grande data na história da língua alemã e é o estabelecimento do *Hoch Deutsch* [alemão clássico]. Calvino, por sua vez, não traduziu a Bíblia, deixando este cuidado a seu primo Olivétan² e fazendo o prefácio des-

sa obra. Porém e, sobretudo, o protestantismo sempre foi minoria na França, enquanto é percebido como majoritário no espaço germânico, ou, mais em geral, em toda a Europa.

IHU On-Line - Por que Calvino é um “filósofo pré-cartesiano”? Poderia comentar essa afirmação?

Bernard Cottret - Meus próprios trabalhos, após meu artigo publicado nos *Annales ESC* até minha recente edição do *Tratado das relíquias* (*Traité des reliquess*. Paris: Éditions de Paris, 2008), passando por minha biografia do reformador (reeditada na França em 2009) tiveram por objetivo dar a Calvino seu merecido lugar na tradição intelectual francesa. Por sua reflexão sobre a língua, por sua semiótica exigente, Calvino iniciou os trabalhos de um **Saussure**,³ por exemplo, distinguindo

o tradutor da Bíblia para o francês. (Nota da **IHU On-Line**)

³ Ferdinand de Saussure (1857-1913): linguista suíço, cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência e desencadearam o surgimento do

bem o significante do significado. Toda sua doutrina eucarística pretende ver, nas espécies, simples significantes, recusando que lhe seja votado um culto julgado idolátrico. É o que implica o recurso às figuras da retórica e, em particular, a definição do sacramento como “metonímia”, e não como metáfora. A recusa da transubstanciação tomista é, sob este título, ligada a uma concepção gramatical. Tive ocasião de falar há uns trinta anos sobre essas coisas com Michel de Certeau,⁴

estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos que aparecem na linguística do século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ Michel de Certeau (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle* (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense

¹ Martinho Lutero (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor de uma das primeiras traduções da Bíblia para o alemão, sua tradução suplantou as anteriores. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutenberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da **IHU On-Line**, de 03-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1225737560.4112pdf.pdf>. (Nota da **IHU On-Line**)

² Pierre Robert Olivétan (1506-1538): primei-

que me encorajara a prosseguir.

Ora, isso me levou a tomar distância em relação ao maravilhoso livro de Michel Foucault⁵ sobre *As palavras e as coisas* – *uma arqueologia das ciências humanas* (3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985), que atribui a Descartes⁶ uma dissociação

Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre Certeau, confira as entrevistas *Michel de Certeau ou a erotização da história*, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, disponíveis para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158344480.87pdf.pdf>. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos *Cadernos IHU em Formação*, intitulado *Jesuítas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*, disponível para download em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1184009586.45pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

5 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158265374.73pdf.pdf> e a edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1162842466.39pdf.pdf>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em Formação*, disponível para download em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1184009500.55pdf.pdf> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. (Nota da IHU On-Line)

6 René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo

“Não existe atualidade em si de Calvino, de Marx ou de Jesus, mas continua a permanente exigência de uma renovação interior”

entre a realidade e as aparências “engadoras” que, a meu ver, encontra-se em Calvino. Eis como eu o situaria agora no nominalismo medieval.

IHU On-Line - O que faz a diferença do empreendimento de Calvino e de Lutero de “purificar” o cristianismo?

Bernard Cottret - Lutero, em sua concepção do sacramento, permanece ligado à substância. Nele, fala-se de consubstanciação a propósito da Santa Ceia, e o pão e o vinho coexistem com o corpo e o sangue do Salvador. Para Calvino, isso não tem sentido; ele muda radicalmente de perspectiva por sua teoria do signo. A purificação calvinista do cristianismo consiste em extirpar impiedosamente a idolatria, incluindo a liturgia. Praticamente não há arte sacra calvinista - quando há evidentemente uma arte sacra luterana, anglicana, para não dizer da arte sacra católica, e do estilo jesuíta.

IHU On-Line - Quais são os pontos de proximidade e de ruptura que o senhor destacaria entre estes dois reformadores?

Bernard Cottret - Lutero e Calvino têm, ao mesmo tempo, teologias próximas por sua afirmação da justificação pela fé ou sua recusa do sacrifício

do pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

da missa, mas também dessemelhanças. É, pois, falso reduzir, como se faz com frequência, o calvinismo somente à predestinação.

IHU On-Line - Quais são as influências do “Calvino jurista” no “Calvino teólogo”? A austeridade de seu pensamento seria explicada por esta diferença?

Bernard Cottret - Calvino é jurista onde Lutero e os outros receberam uma formação clássica de teólogos católicos. Isso induz diversas características notáveis que eu destaquei em minha biografia:

- 1) Calvino permanece profundamente laico;
- 2) Ele jamais recebeu consagração pastoral, enquanto Lutero e os outros são antigos padres;
- 3) De maneira igualmente essencial, ele recusa dissociar a Lei e a Graça, a Torah⁷ e o Evangelho. De onde provém, sem dúvida, o filo-semitismo notável de diversos reformadores, no qual Lutero se mostra funcionalmente antijudaico.

IHU On-Line - Em que medida o calvinismo é uma reação ao protestantismo e ao catolicismo?

Bernard Cottret - O calvinismo é uma construção dogmática que eu distinguiria da fé viva de Calvino. Muitos protestantes calvinistas preferem dizerem-se reformados para não incorrer na censura de idolatria. Um bom calvinista não deveria dizer-se “calvinista”, e, em sua origem, o calvinismo é uma invenção de luteranos da segunda ou terceira geração, hostis à teologia de Calvino, em particular sobre as questões eucarísticas. Calvino em todo o caso não queria ser calvinista, como, de resto, Marx⁸ não queria ser marxista.

7 Torá: nome dado aos cinco primeiros livros do Tanakh e que constituem o texto central do judaísmo. Contém os relatos sobre a criação do mundo, da origem da humanidade, do pacto de Deus com Abraão e seus filhos, e a libertação dos filhos de Israel do Egito e sua peregrinação de quarenta anos até a terra prometida. Inclui também os mandamentos e leis que teriam sido dadas a Moisés para que entregasse e ensinasse ao povo de Israel. (Nota da IHU On-Line)

8 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de

ta... Eu, aliás, trabalho atualmente sobre Marx, e constato que sua teoria do fetichismo é de inspiração tão amplamente bíblica quanto hegeliana.

IHU On-Line - O calvinismo foi uma segunda fase do protestantismo?

Bernard Cottret - Embora ele tenha aparecido historicamente após Lutero, Calvino promoveu uma teologia profundamente original, e é difícil falar de uma segunda fase ou de um aprofundamento. É fundamentalmente outra tradição cultural, ligada ao humanismo francês - pista que eu explorei em minha biografia.

IHU On-Line - Qual é a atualidade de Calvino 500 anos após seu nascimento?

Bernard Cottret - Há dez anos escrevi um pequeno livro sobre o Renascimento, chamado *La Renaissance 1492-1598. Civilisation Et Barbarie* (Paris: Éditions de Paris, 2000 - *O Renascimento 1492-1598. Civilização e barbárie*). Ali eu falava de Calvino, de Lutero, mas também de Inácio de Loyola⁹ e de alguns outros. Para mim, existe uma atualidade da história, da história enquanto tal, da história em geral. Mas, a tarefa do historiador parece-me ser a de sempre descartar o anacronismo, e eu desconfio de expressões como “a atualidade de Calvino”. No fundo, e para retomar Calvino sobre este ponto, sua atualidade se dá no aspecto do olhar ou da fé. Não existe atualidade em si de Calvino, de Marx ou de Jesus, mas continua a permanente exigência de uma renovação interior. Ou, para empregar outra palavra, de uma reforma sempre ativa. *Ecclesia reformata semper reformanda*.

Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1158330314.12pdf.pdf>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da *IHU On-Line*, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuon-line/uploads/edicoes/1224527244.6963pdf.pdf>. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ Santo Inácio de Loyola (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, conhecida como os Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota da *IHU On-Line*)

Uma teologia a caminho

De acordo com Ricardo Rieth, Calvino compreendia sua contribuição intelectual como uma “teologia a caminho”. Identificava-se com Santo Agostinho e destacou-se pela capacidade de sistematizar a tradição eclesial oriental e ocidental

POR MÁRCIA JUNGES

A originalidade não é propriamente um traço de Calvino, mas muito antes a sua capacidade sistemática, unificando num “todo orgânico” a tradição eclesial oriental e ocidental, o ensino do humanismo cristão renascentista e as propostas da primeira geração de reformadores protestantes”. A afirmação é do teólogo e sociólogo Ricardo Willy Rieth na entrevista que concedeu, com exclusividade, por e-mail, à *IHU On-Line*. “Calvino compreendia sua contribuição intelectual como uma ‘teologia a caminho’. Identificou-se com Santo Agostinho, que certa vez descreveu a si mesmo como alguém que escreve a partir da progressão dos pensamentos e progride no escrever. A teologia de Calvino tem um caráter fortemente determinado pela própria experiência”, completa Rieth. Ponderando os aspectos de proximidade e divergência entre Calvino e Lutero, menciona que ambos são referências fundamentais para a teologia e também para o protestantismo.

Rieth é teólogo e sociólogo. Kursou a graduação em Teologia no Seminário Concórdia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, e em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. É doutor em teologia pela Universidade de Leipzig, na Alemanha, onde também obteve o título de pós-doutor. Sua tese intitulou-se “*Habsucht*” bei Martin Luther: ökonomisches und theologisches Denken, Tradition und soziale Wirklichkeit im Zeitalter der Reformation (Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1996). Atualmente, é professor da Universidade Luterana do Brasil - Ulbra, e da Escola Superior de Teologia - EST. É autor do livro *Martim Lutero: discípulo, testemunha, reformador* (São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a atualidade de Calvino 500 anos após seu nascimento?

Ricardo Rieth - João Calvino continua sendo uma referência para os fiéis que são membros de igrejas surgidas a partir do movimento por ele conduzido. Nesse caso, seus escritos servem de orientação para posicionamentos doutrinários, reflexões teológicas e formulações de juízos éticos acerca de temas desafiadores suscitados pela realidade atual nos diversos contextos em que estão e agem essas igrejas e pessoas. Por outro lado, Calvino foi um intelectual

e homem de ação de grande destaque em um período fundamental da história ocidental, quando marcos importantes do que hoje configura nosso contexto de vida foram estabelecidos. Evocar sua memória e refletir sobre as grandes questões de nossos dias, tomando por referência aspectos de sua herança literária e prática, pode ser muito significativo, mesmo para pessoas sem interesse específico quanto à fé cristã ou mesmo à religião de um modo geral.

IHU On-Line - Como pode ser definido o calvinismo?

Ricardo Rieth - Calvino é conhecido como “fundador” do protestantismo reformado. “Reformado”, em sentido estrito, diferencia-se de outras correntes intraprotestantes e designa o movimento originado na Suíça a partir de Zuinglio, Bullinger¹ e Calvino, entre outros. O próprio reformador genebrino rejeitou que o movimento, a partir dele referenciado, assumisse a denominação “calvinismo”, principalmente quando este foi acolhido em territórios germânicos, algo que se deu com muita intensidade a partir da segunda metade do século XVI. É por isso que igrejas identificadas com sua obra e pensamento adotam o adjetivo “reformadas”, e não “calvinistas”, quando se apresentam. Essa autodesignação lembra que uma igreja que tem por referência a Reforma protestante do século XVI necessita de renovação permanente, pautada pelo ouvir da Palavra de Deus, exatamente como diz o moto: “Ecclesia reformata semper reformanda”.

IHU On-Line - Quais são as mudanças que o calvinismo propõe no protestantismo?

Ricardo Rieth - Calvino não se caracteriza propriamente pela originalidade, mas muito mais pela capacidade de sistematizar em um todo orgânico a tradição eclesiástica oriental e ocidental, o ensino do humanismo cristão renascentista e as propostas da primeira geração de reformadores protestantes. Tinha profundo conhecimento da Antiguidade e da filosofia clássica. Usava as publicações de Erasmo de Rotterdam² para seu trabalho exegético. Suas obras trazem incontáveis citações de Padres da Igreja, principalmente de Santo Agostinho, em especial quando aborda a doutrina sobre a graça, a livre vontade, a eleição e os sacramentos. De grande signi-

¹ Heinrich Bullinger (1504-1575): reformador protestante suíço, o sucessor de Ulrico Zuinglio como chefe da igreja e pastor em Zurique. Por ser uma figura muito menos controversa do que João Calvino ou Martinho Lutero, a sua importância tem sido desde muito subestimada. Uma pesquisa recente mostrou, porém, que ele foi um dos mais influentes teólogos da Reforma Protestante no século XVI. (Nota da IHU On-Line)

² Erasmo de Rotterdam (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. (Nota da IHU On-Line)

“Lutero e Calvino são referências fundamentais para a teologia e o protestantismo”

ficado para seu ensino sobre os sacramentos foi São Cirilo de Alexandria.³ Como exegeta, valorizava especialmente São João Crisóstomo,⁴ de quem queria editar pregações em francês. A fonte mais decisiva, no entanto, era a Bíblia, a partir da qual repetidamente criticava os Padres, quando concluía que sua opinião dela destoava.

Calvino partia da premissa - como Lutero - de que nos primeiros cinco séculos da Igreja teria inicialmente havido um consenso doutrinário. Posteriormente, teria iniciado um processo de decadência. Calvino também tinha profundo conhecimento da escolástica medieval,⁵ como mostram citações literais do Livro das Sentenças de Pedro Lombardo⁶ e do Código do Direito Ca-

³ São Cirilo de Alexandria (c. 375- 444): patriarca de Alexandria quando a cidade estava no topo de sua influência e poder dentro do Império Romano. Cirilo escreveu extensivamente e foi o protagonista liderante nas controvérsias cristológicas do final do século IV e do século V. Foi uma figura central no Primeiro Concílio de Éfeso, em 431, que levou à deposição de Nestório da posição de Patriarca de Constantinopla. É listado entre os Pais e os Doutores da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

⁴ São João Crisóstomo (347 - 407 d. C.): teólogo e escritor cristão, Patriarca de Constantinopla no fim do século IV e início do século V. Por sua retórica inflamada, ficou conhecido como Crisóstomo (que em grego significa “boca de ouro”). É considerado santo pelas Igrejas Ortodoxa e Católica. É um dos quatro grandes Padres da Igreja Oriental, e doutor da Igreja Católica. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Escolástica: linha dentro da filosofia medieval, de acentos notadamente cristãos, surgida da necessidade de responder às exigências da fé, ensinada pela Igreja, considerada então como a guardiã dos valores espirituais e morais de toda a Cristandade, por assim dizer, responsável pela unidade de toda a Europa, que comungava da mesma fé. Esta linha vai do começo do século IX até ao fim do século XVI, ou seja, até ao fim da Idade Média. Este pensamento cristão deve o seu nome às artes ensinadas na altura pelos escolásticos nas escolas medievais. Estas artes podiam ser divididas em Trivium (gramática, retórica e dialética) e Quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música). A escolástica resulta essencialmente do aprofundar da dialética. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Pedro Lombardo (1100-1164): filósofo escolástico do século XII, professor na escola de

nônico. Criticava em vários autores da escolástica a falta de uma ênfase cristocêntrica, seu caráter especulativo e filosófico, suas múltiplas distinções no ensino acerca da fé, a doutrina da graça e a compreensão sacramental. Não há dúvida alguma quanto ao decisivo significado de Lutero para a teologia de Calvino. Nos pontos centrais de sua confissão pelo ensino reformatório, Calvino se mostrou um aluno de Lutero: na doutrina da justificação (somente Cristo, somente a fé, somente a graça, somente a Escritura) e na compreensão acerca da Igreja. Em relação a Ulrico Zuinglio, apesar do inegável parentesco, Calvino tinha certas restrições. Por Martin Bucer,⁷ reformador em Basileia, Calvino foi influenciado, acima de tudo, por interpretações dos evangelhos, além do ensino sobre a Igreja, ministério, liturgia e disciplina eclesiástica.

IHU On-Line - Quais são as principais proposições defendidas por Calvino?

Ricardo Rieth - Calvino compreendia sua contribuição intelectual como uma “teologia a caminho”. Identificou-se com Santo Agostinho, que, certa vez, descreveu a si mesmo como alguém que escreve a partir da progressão dos pensamentos e progride no escrever. A teologia de Calvino tem um caráter fortemente determinado pela própria experiência. Sua obra magna, *Institutas* ou *Tratado da Religião Cristã*, saiu em primeira edição em 1536, mas foi sistematicamente revisada e ampliada por ele nos anos subsequentes, o que deixa evidente esta perspectiva. Nela, temos uma síntese do pensamento de Calvino. Sua estrutura compreende 80 capítulos, distribuídos em quatro livros, e alterou-se completamente até 1559, ano da última edição por ele preparada. O primeiro livro traz a descrição das fontes do conhecimento de Deus, aborda a revelação, o conhecimento natural e bíblico acerca de Deus, o dogma da Trindade e o ensino sobre a providência divina. O segundo livro centra o interesse na cristologia: encarnação, ensino sobre as duas na-

Notre Dame em Paris. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Martin Bucer (1491-1551): reformador protestante que influenciou Lutero, Calvino e as doutrinas e práticas anglicanas. Era membro da ordem dominicana. (Nota da IHU On-Line)

turezas de Cristo, seu tríplice ministério de Cristo como profeta, sacerdote e rei, e a unidade entre antiga e nova aliança. O terceiro tematiza a obra do Espírito Santo e a vida cristã com suas facetas, que são o levar a cruz, a autonegação, a meditação sobre a vida futura, a liberdade cristã e a oração. Aqui também aborda a justificação por graça e fé em perspectiva forense e desenvolve suas compreensões sobre predestinação e ressurreição. O quarto livro, por sua vez, é o mais detalhado. Nele, Calvino trata da obra externa do Espírito, o ensino sobre Igreja, ministérios, disciplina na vida cristã e sacramentos. A passagem em que discute os meios pelos quais a pessoa permanece em comunhão com Cristo é concluída com um parágrafo sobre a autoridade, à qual é dada a tarefa de promover o culto exterior e proteger a doutrina correta e a posição da Igreja, que proporciona a comunhão entre as pessoas. No prefácio de "Institutas", Calvino revela a intenção de preparar estudantes de teologia para a leitura da palavra de Deus. Afirma querer ser, em primeira linha, teólogo da Escritura. O que ensinou do púlpito e da cátedra em suas aulas de exegese bíblica estaria sistematizado na obra para auxiliar teólogos e professores de religião. A exegese bíblica deveria acontecer exclusivamente para o bem das pessoas na Igreja, ou seja, o texto deveria ser interpretado em função da práxis eclesial. As maiores virtudes de quem interpreta a Bíblia seriam a clareza e a brevidade. Como autêntico representante do humanismo bíblico francês, trabalhava com extremo cuidado do ponto de vista histórico e filológico.

IHU On-Line - Quais seriam os principais pontos de convergência e divergência entre Calvino e Lutero?

Ricardo Rieth - Lutero e Calvino são referências fundamentais para a teologia e o protestantismo. É natural, portanto, que se busque comparar seus legados intelectuais, buscando neles elementos que justifiquem a aproximação ou o afastamento entre denominações surgidas por iniciativa de seus herdeiros. Inúmeras abor-

dagens desenvolvidas em distintas escolas de pesquisa sobre a teologia da Reforma ousaram empreender estudos comparativos, dando ênfase ao lado da divergência. Assim, trabalhos comparando modelos de constituição eclesiástica, concepções a respeito da Santa Ceia e noções acerca dos dois reinos e do senhorio de Cristo mereceram lugar destacado. Com frequência, deixou-se de lado o grande número de aspectos convergentes entre Calvino e Lutero, dando a entender que discrepâncias e divergências seriam o decisivo e primordial. Isso muitas vezes contribuiu para que se promovesse

“Seria mais apropriado, portanto, falar em uma teocracia do conselho municipal de Genebra do que em uma teocracia de Calvino. Para entender o pensamento político-religioso de Calvino, é preciso ter por referência o contexto político em que ele viveu”

uma abordagem carente de equilíbrio e bom senso. Mais ou menos um ano antes da morte de Lutero, Calvino lhe escreveu uma carta. Pediu-lhe para escrever “em poucas palavras” qual sua opinião sobre os “nicodemitas” na França, bem como sua opinião acerca do escrito em que ele, Calvino, rejeitava sua prática de, mesmo assumindo uma consciência evangélica, seguir participando de cerimônias conforme o rito romano. Melanchthon,⁸ portador

8 Philipp Melanchthon (1497-1560): reformador alemão. Colaborador de Lutero, redigiu a Confissão de Augsburg (1530) e converteu-se no principal líder do luteranismo após a morte do próprio Lutero. (Nota da IHU On-Line)

da carta de Calvino, não se atreveu a entregá-la a Lutero. Calvino escreveu: “Ao mui excelente pastor da Igreja cristã, Dr. M. Lutero, meu mui venerado pai”. Concluiu com as palavras: “Ah, pudesse eu escapar até vossa presença, mesmo que fosse para usufruir somente algumas horas de teu convívio. Pois desejaria muito conversar contigo não só sobre essa questão, mas falar pessoalmente sobre todos os outros assuntos. O que, porém, não é possível na Terra, logo será possível, eu espero, no reino de Deus. Viva bem, tu, homem mais que famoso, tu, o mais excelente servo de Cristo, para mim um pai constantemente considerado. Que o Senhor continue a conduzir-te com seu Espírito até o fim, para o bem comum de sua Igreja. Teu João Calvino.” Pena que por tanto tempo as atitudes de luteranos e calvinistas, uns em relação aos outros, pautaram-se pelo completo descompasso em relação a este espírito.

IHU On-Line - Que possibilidades de diálogo inter-religioso se abrem a partir do calvinismo hoje?

Ricardo Rieth - No campo das doutrinas e ideias teológicas, Calvino se esforçou ao máximo pela unidade de pensamento e na pregação. Os religiosos de Genebra e cercanias tinham a obrigação, juntamente com outros membros da comunidade, de participar toda sexta-feira, a partir das 7 horas da manhã, de uma reunião de estudos. Pela ordem, cada participante tinha que interpretar um texto bíblico, sendo avaliado por todo o grupo. No caso de Calvino, não se tratava de disciplinar obsessivamente a teologia e o pensamento. Considerando sua postura de um modo geral, é possível verificar uma tensão dialética entre o esforço por uma unidade fechada na doutrina e a abertura ecumênica. Esse segundo aspecto se manifestou nos diálogos religiosos, dos quais Calvino participou, e na relação com outros reformadores, como, por exemplo, Filipe Melanchthon. Há inúmeros impulsos advindos do pensamento e da prática de Calvino que encorajaram e seguem encorajando pessoas cristãs e pessoas religiosas em geral ao diálogo e a práticas ecumênicas e inter-religiosas.

IHU On-Line - Calvino queria instaurar uma teocracia? Por quê?

Ricardo Rieth - Em geral, a atuação de Calvino em Genebra é caracterizada pelo termo “teocracia”. No entanto, os conflitos com o conselho municipal, especialmente na questão da prática da disciplina na Igreja, demonstram o quanto as autoridades municipais conseguiram impor seu poder sobre a Igreja e o quanto Calvino, como membro do clero local, acabou submetido a isso. Seria mais apropriado, portanto, falar em uma teocracia do conselho municipal de Genebra do que em uma teocracia de Calvino. Para entender o pensamento político-religioso de Calvino, é preciso ter por referência o contexto político em que ele viveu. O que observamos em Genebra em relação às determinações rigorosas quanto à disciplina na Igreja e na moral cristã, ou então, com relação à união entre Igreja e Estado, não era incomum ou excepcional na Europa do século XVI. Representava, isso sim, uma tendência crescente no início da era moderna. O que talvez possa ser considerado incomum era a personalidade de Calvino, que defendia incondicionalmente as determinações do alto do púlpito e perante o conselho municipal. Desenvolveu, assim, uma teologia que primava pela santificação da comunidade de fé. Uma rápida análise da pesquisa especializada deixa evidente a dificuldade de rotular o conjunto de ideias político-religiosas desse reformador. Além de teocracia, fala-se em governo realizado a partir da Bíblia (“bibliocracia”), por inspiração do Espírito Santo (“pneumatocracia”) e pelo clero (“clerocracia”). Em síntese, teocracia tem o sentido de governo realizado pelo clero, e isso foi algo terminantemente rejeitado por Calvino.

LEIA MAIS...

Ricardo Willy Rieth já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Ela está disponível na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br)

* *Entre a cidadania teológica e a esquizofrenia acadêmica. Notícias do Dia* 24-04-2008, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=13419

A Reforma 500 anos depois de Calvino

Leonildo Silveira Campos matiza a percepção da Reforma e aponta a teoria da complexidade como importante para compreender seu estudo nas diferentes tradições que teve. Calvinismo e neopentecostalismo possuem várias incompatibilidades, assinala

POR MÁRCIA JUNGES

De acordo com o ponto de vista do filósofo e teólogo Leonildo Silveira Campos, “a Reforma não pode ser vista somente como uma guerra entre católicos e protestantes. Os vários movimentos reformadores também tiveram o ‘irmão reformado’ como inimigo”. Além disso, continua, é preciso aplicar a teoria da complexidade ao estudo das reformas, o que nos auxilia a compreender e localizar cada uma das tradições reformadas (luterana, zwingliana, calvinista, anglicana ou radical-anabatista) de tensões, conflitos e diferentes propostas de reforma. Analisando possíveis pontos de proximidade entre o calvinismo e o neopentecostalismo, em específico a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Campos conclui que “a questão da prosperidade não justifica uma aproximação do calvinismo com a IURD. Esta é uma Igreja que conseguiu assimilar elementos da religiosidade popular católica, indígena e africana, mesclando com elementos da pós-modernidade e de sua vertente religiosa - a Nova Era”. As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**.

Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mogi das Cruzes, cursou Teologia pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Seu mestrado e doutorado foram realizados na Universidade Metodista de São Paulo - Umesp, com a tese *Teatro, templo e mercado: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal - a Igreja Universal do Reino de Deus* (Petrópolis: Vozes, 1997). Atualmente, é professor da Umesp e da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que diferenças há entre a reforma luterana e calvinista?
Leonildo Silveira Campos - Prefiro não buscar inicialmente as diferenças entre o sistema luterano e o calvinista no nível da teologia ou da filosofia. Tomo como ponto de partida a visão das ciências sociais, que privilegiam o contexto histórico e social em que surgiu a Reforma (ou as reformas protestantes) no século XVI. Essa perspectiva nos permite perceber o

cenário em que se deram as reformas como um objeto plural, multifacetado e complexo. Essa visão levou Carter Lindberg (*As reformas na Europa*. São Leopoldo, Sinodal: 2001) a insistir que não estamos diante de *uma*, mas de *várias* reformas religiosas na Europa recém saída da Idade Média.

A visão multifacetada do movimento reformado fica ainda mais desafiadora para o analista quando ele nota o surgimento, em diversas regiões da Europa,

de versões locais do que alguém portador de paradigmas simplistas pense ser um só movimento de reforma. Portanto, a teoria da complexidade, se aplicada ao estudo das reformas, nos ajuda na compreensão e localização em cada uma das tradições reformadas (zwingliana,¹ calvinista, anglicana² ou radical-anabatista³) de tensões, conflitos e diferentes propostas de reforma.

Há também a questão da análise dos movimentos reformados na linha do tempo. Em que datas as reformas começaram? Na tarefa de responder a essa questão, paira sempre o risco do que Marc Bloch⁴ (*Apologia da história ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p.56) chamou de “ídolo das origens”. Quando por ele influenciados, pensamos poder demarcar o tempo, a data exata em que tais coisas tiveram o seu início. Isto quer dizer ser quase impossível afirmar que os movimentos de reforma protestante começaram com Lutero, Zwinglio ou Calvino, e nem que este ou aquele movimento terminou com a morte do líder que mais visibilidade lhe deu. Além dos líderes há os sucessores. Todos eles contribuíram, acen-tuaram tendências e ajudaram a dar rumos a um empreendimento muito mais coletivo e nada pessoal.

1 **Zwinglianismo**: movimento criado pelo pastor reformador Huldrych Zwingli, pretendeu fazer a Igreja retornar à simplicidade original. Caracteriza-se por um humanismo, um radicalismo e também um racionalismo estranhos ao luteranismo. (Nota da IHU On-Line)

2 **Anglicanismo**: também denominado como Igreja da Inglaterra, é uma igreja cristã estabelecida oficialmente na Inglaterra e o tronco principal da Comunhão Anglicana Mundial. Fora da Inglaterra, a Igreja Anglicana é denominada Igreja Episcopal, principalmente nos Estados Unidos e na Austrália. (Nota da IHU On-Line)

3 **Anabatismo**: cristãos da chamada “ala radical” da Reforma Protestante. São assim chamados porque os convertidos eram batizados em idade adulta, desconsiderando o até então batismo obrigatório da igreja romana. Assim, re-batizavam todos os que já tivessem sido batizados em criança, crendo que o verdadeiro batismo só tem valor quando as pessoas se convertem conscientemente a Cristo. (Nota da IHU On-Line)

4 **Marc Léopold Benjamim Bloch** (1886-1944): historiador francês notório por ser um dos fundadores da Escola dos Annales e morto pelos nazis durante a Segunda Guerra Mundial. Considerado um dos maiores medievalistas de todos os tempos. Os seus trabalhos e pesquisas abriram novos horizontes nos estudos sobre o feudalismo. (Nota da IHU On-Line)

“Para ele, o acirramento da modernidade levou o protestantismo a se tornar uma instituição esvaziada do ‘princípio’ profético, pois, a energia desencadeada não se fixou nas instituições reformadas, muito pelo contrário, elas emigraram para os movimentos revolucionários laicos”

Cristalização x dinamismo e continuidade

Nessa mesma linha de indagação, podemos perguntar pela tensão que sempre surge entre a tendência das instituições pela cristalização e dos movimentos pelo dinamismo e continuidade. O que acontece quando um movimento reformador se torna uma instituição reformada? Alguns reformados procuraram manter o dinamismo colocando como meta a expressão *ecclesia reformata semper reformanda*. Por sua vez, Paul Tillich⁵ (*A era protestante*. São Paulo: Ciências da Religião, 1992) captou bem as tensões e crises da “era protestante” ao falar no conflito entre “princípio protestante” e “instituição protestante”. Para ele, o acirramento da modernidade levou o protestantismo a se tornar uma instituição esvaziada do “princípio” profético, pois, a energia desencadeada não se fixou nas instituições reformadas, muito

5 **Paul Tillich** (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX e autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, pode ser consultado *Coragem de Ser* (6ª ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, Poder e Justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da IHU On-Line)

pelo contrário, elas emigraram para os movimentos revolucionários laicos.

Por força do ofício, estou habituado, nos últimos 30 anos, a olhar os fenômenos religiosos a partir de uma perspectiva das ciências sociais aplicadas ao estudo da religião. Nesse esforço, tenho privilegiado dois autores, entre outros, Pierre Bourdieu⁶ e Karl Mannheim.⁷ De Pierre Bourdieu (*Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 92) tenho usado a teoria do campo religioso. Para Bourdieu, o campo é um espaço social marcado por conflitos e lutas entre agentes e instituições. Entre os diversos agentes em luta estão sacerdotes e profetas. Os primeiros tentam reproduzir e dar continuidade à instituição tal como ela se encontra. Já os profetas estão comprometidos com as mudanças. Nos tempos da reforma protestante, quem eram profetas e sacerdotes? Por que sacerdotes surgem mais tarde e se tornam hegemônicos em movimentos marcados pelo dinamismo da tradição profética?

Para Bourdieu, um profeta na sua luta contra os sacerdotes se baseia “na força do grupo que mobiliza por meio

6 **Pierre Bourdieu** (1930 - 2002) sociólogo francês. De origem campesina, filósofo de formação, chegou a docente na École de Sociologie du Collège de France, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Desenvolveu, ao longo de sua vida, mais de trezentos trabalhos abordando a questão da dominação, e é, sem dúvida, um dos autores mais lidos, em todo mundo, nos campos da Antropologia e Sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, discutindo em sua obra temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, lingüística e política. Seu primeiro livro, *Sociologia da Argélia* (1958), discute a organização social da sociedade cabila, e em particular, como o sistema colonial interferiu na sociedade cabila, em suas estruturas e des-culturação. Dirigiu, por muitos anos, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* e presidiu o CISIA (Comitê Internacional de Apoio aos Intelectuais Argelinos), sempre se posicionando clara e lucidamente contra o liberalismo e a globalização. (Nota da IHU On-Line)

7 **Karl Mannheim** (1893-1947): sociólogo judeu nascido na Hungria. Iniciou seus estudos de filosofia e sociologia em Budapeste participando de um grupo de estudos coordenado por Georg Lukács. Estudou também em Berlim, onde ouviu as preleções de Georg Simmel, e Paris. Em Heidelberg, onde Mannheim foi aluno do sociólogo Alfred Weber, irmão de Max Weber, tornou-se *privatdozent* a partir de 1926. Foi professor extraordinário de sociologia em Frankfurt a partir de 1930. Em 1933, com a ascensão do nazismo Mannheim deixou a Alemanha para tornar-se professor da London School of Economics, na Inglaterra. (Nota da IHU On-Line)

de sua aptidão para simbolizar em uma conduta exemplar ou em um discurso os interesses propriamente religiosos de leigos que ocupam uma determinada posição na estrutura social”. Aplicando-se o seu pensamento à Reforma protestante, Lutero, Calvino ou Zwinglio, e seus seguidores, somente deram continuidade ao projeto de reforma porque as “aspirações que já existiam antes dele(s)”, ainda que de um “modo explícito, semiconsciente ou inconsciente”, estavam sintonizadas com um momento social adequado.

Nesse sentido, um profeta ou reformador é um “indivíduo isolado, sem passado, destituído de qualquer caução a não ser ele mesmo”, agindo sobre a realidade com uma “força organizadora e mobilizadora”. É dessa forma que um movimento profético dá origem a uma nova forma de composição no cenário religioso ou político. Também é por tais motivos que cada um desses reformadores, ao questionar a organização religiosa a qual pertence, dela recebe desprezo e oposição. Isto porque, segundo Bourdieu (p.93), “a empresa burocrática de salvação é incondicionalmente hostil ao carisma ‘pessoal’, isto é, profético, místico ou extático”. No caso dos reformadores, o carisma pessoal pode ser visto como um fator capaz de perturbar a ordem eclesiástica, mas a sua continuidade dependeu essencialmente do apoio recebido dos leigos.

Lendo os sinais dos tempos

Mas, um reformador incomoda quando “pretende indicar um caminho original em direção a Deus” diferente do que tem sido proposto pela instituição religiosa. Mas, por que uns tem sucesso onde outros fracassaram? Ora, Lutero e Calvino tiveram sucesso nessa empreitada justamente onde outros anteriormente nada conseguiram. O segredo do sucesso foi porque eles conseguiram conciliar a demanda popular nas regiões em que atuaram com uma proposta de reformulação da visão religiosa de mundo por parte dos leigos. Para Bourdieu (p.94), é esta capacidade de ler os sinais dos tempos que tornam “um determinado indivíduo (...) socialmente predisposto a sentir e a exprimir, com uma força

e uma coerência particulares, disposições éticas ou políticas, já presentes, de modo implícito, em todos os membros da classe ou do grupo de seus destinatários”.

Consequentemente, Lutero e Calvino, e até certo ponto Zwinglio, diferentes de João Huss,⁸ Wycliff⁹ ou Savonarola¹⁰, conseguiram um rápido e duradouro sucesso em seus respectivos projetos de reforma da Igreja cristã. Isto porque o sucesso de cada um deles se alimentou de condições peculiares, e, com isso, produziram formas diferenciadas de protestantismos. Lutero atuou na Alemanha; era fiel aos príncipes que o apoiaram politicamente; refletia concepções teológicas mais adaptadas a um mundo marcadamente camponês. Enquanto isso, Calvino mantinha suas ligações com o mundo capitalista que estava se iniciando; tinha como cenário a cidade-estado Genebra, com um governo representativo, no qual ele era a “eminência parda” e que se tornaria um sistema político ideal para a democracia ocidental. Calvino se preocupou com questões econômicas, sugerindo normas sobre a riqueza, posses, comércio, organização política da cidade, baseado em uma preocupação humanista com as pessoas destituídas de recursos econômicos. Ao contrário de Lutero, e dos teólogos católicos medievais, Calvino via o lucro de uma forma positiva.

A proposta de reforma de Calvino foi considerada por André Biéler,¹¹ um dos maiores especialistas na França a

enfocar o humanismo social de Calvino, (*O pensamento econômico de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990) como “uma reforma integral da sociedade”. Para ele, o calvinismo teria se tornado uma “força permanente de transformação política e social” ao propor novas estruturas para a sociedade, as quais deveriam inibir e eliminar as “forças destrutivas da Igreja e da Sociedade”, entre elas o “nacionalismo religioso, a mística revolucionária, o militarismo e a teocracia”.

Para Biéler, a vida econômica e as reformas sociais propostas por Calvino desafiavam a atuação da Igreja em uma reforma integral da sociedade no sentido político, social, econômico e espiritual. Essa atuação implicava no estabelecimento de regras para a produção da riqueza, no atendimento dos pobres, na distribuição equitativa dos bens entre ricos e pobres. Insistia também Calvino que a propriedade deveria ser defendida do furto, cabendo ao Estado uma função reguladora da economia, da ordem jurídica, do comércio, da propriedade e da escravidão. Por isso mesmo, a atividade dos banqueiros, dos mercadores, dos que emprestavam dinheiro a juros, e as relações entre devedores e credores recebiam uma atenção especial nas ordenanças e na reflexão teológica de Calvino.

Talvez algumas das diferenças entre a proposta reformadora de Lutero e a de Calvino tenham sido bem captadas por R. H. Tawney¹² (*A religião e o surgimento do capitalismo*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p.109): “o Calvinismo foi uma força ativa e radical. Era um credo que buscava não somente purificar o indivíduo, mas ainda reconstruir a Igreja e o Estado, e renovar a sociedade, permeando todos os setores da vida, tanto públicos como privados, com a influência da religião”. Lutero teria sido mais místico, submisso aos poderes políticos, ligado às questões microeconômicas do mundo rural e da pequena cidade. Enquanto Calvino e seus seguidores, segundo Tawney (p.110) abordaram a realidade como “homens de negócios”, enraizados numa realidade urbana. Daí o surgimento de teologias diferentes, pois,

8 Jan Hus (1369-1415): pensador e reformador religioso. Iniciou um movimento religioso baseado nas ideias de John Wycliffe. Os seus seguidores ficaram conhecidos como os Hussitas. A igreja católica não perdoou tais rebeliões e ele foi excomungado em 1410. Condenado pelo Concílio de Constança, foi queimado vivo. (Nota da IHU On-Line)

9 John Wycliffe (1320-1384); teólogo e reformador religioso inglês, considerado precursor das reformas religiosas que sacudiram a Europa nos séculos XV e XVI. Trabalhou na primeira tradução da Bíblia para o idioma inglês, que ficou conhecida como a Bíblia de Wycliffe. (Nota da IHU On-Line)

10 Girolamo Savonarola (1452-1498): também conhecido como Jerônimo Savonarola ou Hieronymus Savonarola, foi um padre dominicano e, por curto período, governou Florença. Reformador dominicano, era um intelectual muito talentoso e devotado a seus estudos, em especial à filosofia e à medicina. (Nota da IHU On-Line)

11 André Biéler (1914-2006): teólogo suíço, professor nas Universidades de Genebra e Lausanne. (Nota da IHU On-Line).

12 Richard Henry Tawney (1880-1962): historiador inglês. (Nota da IHU On-Line)

refletiam relações e molduras sócio-econômicas diferenciadas.

IHU On-Line - Que comemorações marcaram o quinto centenário de Calvino e qual foi o significado dessa “redescoberta” de Calvino por parte deles?

Leonildo Silveira Campos - Neste ano de 2009, presbiterianos e reformados do mundo todo, sob a liderança da Aliança Reformada Mundial, com sede em Genebra, comemoraram o quinto centenário do nascimento de João Calvino (1509-1564). Os reformados, 75 milhões no mundo, relembrou que Calvino, para fugir das perseguições movidas na França aos huguenotes,¹³ se estabeleceu em Genebra (1536), onde iniciou uma reforma religiosa e social que iria atingir outras partes da Europa, especialmente a Inglaterra, Escócia, os Países Baixos, a França e, mais tarde, os Estados Unidos. No ano anterior, em Basiléia, Calvino com apenas 26 anos de idade, escreveu o mais completo texto de teologia protestante do século XVI, *A instituição da religião cristã*, mais conhecida como *Institutas*. Ao longo de sua vida, não muito longa, Calvino conseguiu plasmar Genebra de uma forma tal que fez com ela se tornasse a cidade cosmopolita, internacional e de maioria católica que é nos dias de hoje. Ainda hoje a Catedral de São Pedro é o lugar em que as autoridades da cidade tomam posse de seus respectivos mandatos políticos.

No Brasil, as igrejas presbiterianas realizaram celebrações em várias datas e lugares. Em Genebra, houve uma grande concentração, para onde líderes de centenas de igrejas presbiterianas e reformadas se dirigiram. A reforma de Genebra, que iniciou antes de Calvino e foi reforçada com a sua chegada à cidade em 1536, não deve ser vista como um fato independente ou isolado de outras reformas e movimentos que estavam acontecendo na Europa. Desde 1517, na Alemanha com Lutero, e na Suíça com Zwinglio, a partir de 1525, havia um pipocar de reformas, estimuladas por uma mudança de mentalidade e de cultura, sintetizadas

¹³ **Huguenote:** denominação dada aos protestantes franceses (quase sempre calvinistas) pelos seus inimigos nos séculos XVI e XVII. (Nota da IHU On-Line)

“Ser um ‘abençoado filho de Deus’ é ser um consumidor de todos os bens materiais que foram, segundo a IURD, colocados à disposição dos autênticos filhos de Deus”

nas palavras “Renascimento” e “Humanismo”.

A cristandade, especialmente a que se originou na reforma protestante, deve ser vista como um campo de batalha. Este é um outro conceito que temos tomado de Pierre Bourdieu, para quem o espaço religioso é marcado por lutas. Nele, os agentes sempre se encontram divididos e em situação de conflito. Os reformados nunca estiveram fora dessa regra. Eles lutavam contra o catolicismo, mas também contra as diversas versões de protestantismos que foram surgindo nas décadas e séculos posteriores a Lutero. As guerras religiosas custaram a vida de Zwinglio, que morreu em um campo de batalha, e de milhares de católicos e protestantes no decorrer do século da Reforma e da Contra Reforma Católica. Mas a Reforma não pode ser vista somente como uma guerra entre católicos e protestantes. Os vários movimentos reformadores também tiveram o “irmão reformado” como inimigo. A revolta dos camponeses (1525) deixou isso bem claro e foi esmagada com o apoio de Lutero, amigo dos príncipes. Calvino, por sua vez, agiu com mão de ferro contra os hereges, entre eles Miguel Serveto.¹⁴ Rubem Alves (*Protes-*

¹⁴ **Miguel Serveto** (1511-1553): teólogo, médico e filósofo aragonês, humanista, interessando-se por assuntos como astronomia, meteorologia, geografia, jurisprudência, matemática, anatomia, estudos bíblicos e medicina. Serveto foi o primeiro a descrever a circulação pulmonar. Participou da Reforma Protestante e, posteriormente, desenvolveu uma cristologia não-trinitariana. Condenado por católicos e protestantes, ele foi preso em Genebra e queimado na fogueira como um herege por ordem do Conselho de Genebra, presidido por João

tantismo e repressão. São Paulo: Ática, 1979) usou Ernst Troeltsch¹⁵ para apontar para a continuidade de certa tradição inquisitorial que nasceu entre calvinistas e se aninhou no interior de brasileiros que ele classificou como defensores do “protestantismo da reta doutrina”. Essa tentação inquisitorial levou Alves a duvidar que Calvino tenha deixado um legado inteiramente democrático e liberal. Nos meios protestantes brasileiros, explodiu uma “inquisição sem fogueiras”, especialmente nos anos da Ditadura Militar (1964-1985).

IHU On-Line - Como se deu o diálogo entre os próprios protestantes e até onde ele foi possível?

Leonildo Silveira Campos - O protestantismo nasceu do rompimento do diálogo com o catolicismo romano. Seria natural, portanto, pensarmos que a tendência seria surgir entre os reformados o sentimento de serem eles membros de um só corpo e portadores de uma só doutrina. Porém, nada mais distante da realidade. O movimento reformado optou por um modelo oposto ao de centrifugação. Em suas respectivas trajetórias de expansão quanto mais distante do centro irradiador, mais mudanças e transformações. Somente no final do século XIX e primeira metade do século XX é que certas parcelas do protestantismo optariam pelo diálogo interno e com a Igreja Católica.

Não se podia, portanto, imaginar que as teologias pudessem ajudar no diálogo dos protestantes entre si. Os dogmáticos e inquisidores, tal como aponta Rubem Alves, não conseguem imaginar uma situação em que o diálogo seja uma forma de aprendizagem. Os que se sentem donos da verdade não se interessam por qualquer tipo de diálogo. O objetivo de qualquer encontro fundamentado na polêmica é levar o adversário ao chão, e não a

Calvino. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ **Ernst Troeltsch** (1865-1923): teólogo alemão protestante, escritor de tratados de filosofia da religião e filosofia da história, além de influente figura no pensamento do seu país depois de 1914. Seu trabalho era uma síntese de um número de ideias desenhadas por Albrecht Ritschl, concepções de Max Weber sobre sociologia e dos neokantianos da Escola de Baden. (Nota da IHU On-Line)

aprender algo com ele. Por exemplo, Lutero, Zwinglio e seus seguidores debateram longamente a respeito da Eucaristia ou da Santa Ceia. A discussão era se Cristo estava presente na celebração ou se tudo aquilo não passava de um símbolo conforme queria Zwinglio. Lutero acusava Zwinglio de defender uma heresia já condenada no passado - a posição nestoriana a respeito da natureza humana e divina de Jesus. Somavam-se a isso diferenças entre os reformadores quanto à presença da arte, especialmente da música no culto reformado.

Já calvinistas e luteranos se opuseram aos anabatistas em relação ao batismo infantil, admitindo como válido somente o batismo por imersão. Por sua vez, Zwinglio considerava os anabatistas adversários do governo suíço instituído por causa da recusa deles em fazer juramento, de pagar impostos e em participar do serviço militar, elementos básicos da cidadania. Aliás, as opiniões de calvinistas e luteranos se dividiam quanto às formas de se relacionar com a sociedade politicamente organizada. Harro Höpfl (*Sobre a autoridade secular*. São Paulo: Martins Fontes, 2005) reuniu e comentou dois dos textos mais famosos de Calvino e de Lutero: “Sobre o governo civil”, do primeiro, e “Sobre a autoridade secular” do segundo. O grande desafio para os reformadores protestantes era conciliar o que era entendido como a “vontade de Deus exposta nas Escrituras” com os desafios da ordenação política da sociedade europeia.

IHU On-Line - Que metodologia pode-se usar para o estudo das reformas protestantes do século XVI?

Leonildo Silveira Campos - A historiografia atual tem desconfiado do emprego do método biográfico no estudo da história e da teologia da reforma. No contexto desse marco teórico, não se deve valorizar muito cada um dos reformadores. Essa tendência metodológica evoluiu para uma historiografia totalmente avessa ao estudo dos “grandes heróis”. Porém, para mim, esse é um recurso que ao ser usado com cuidado pode oferecer ganhos para os historiadores interessados em

examinar trajetórias e histórias de vida de alguns personagens escolhidos como os mais representativos de um determinado movimento. É claro que essa tarefa corre o risco de não atingir o seu objetivo. Especialmente se o pesquisador se entregar a uma historiografia que valorize apenas os “heróis”, esquecendo-se das forças históricas ou sociais que plasmaram essas biografias e lideranças. Ora, são tais forças que os levaram a uma sintonia com as aspirações, desejos e necessidades de um conjunto de indivíduos situados em uma determinada época e lugar. Parece-me ser esse um dos riscos que correm muitos dos “filhos de Calvino” neste ano de comemoração do quinto centenário de seu nascimento. Nas publicações empenhadas nessa comemoração várias releituras foram feitas de Calvino. Há uma expressão muito conhecida dos historiadores, não me lembro se de Croce ou de Marc Bloch: “o homem é muito mais filho de seu tempo do que de seus pais”. Como chegar ao tempo da reforma protestante do século XVI através de um estudo de um de seus filhos? Que estudo pode ser feito das contribuições dos filhos (de Calvino, por exemplo) à obra e pensamento de seus pais? Não teria Max Weber¹⁶ relacionado muito mais “a ética protestante” dos calvinistas do século XVII com o “espírito do capitalismo” do que o pensamento do próprio Calvino?

O método biográfico aplicado a João Calvino tem muita utilidade na reconstrução de uma determinada sociedade ou grupo social a partir do testemunho dele e de seus seguidores.

¹⁶ Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158261116pdf.pdf>. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

No caso do calvinismo, os sonhos, anseios, desejos e sofrimento das pessoas de sua época podem ser acessados por meio da análise de seus textos. Nos livros de Calvino, há sistematização teológica, ordenanças civis e eclesiásticas, comentários bíblicos e liturgias. Mas, antes de serem escritos de Calvino, tais documentos devem ser vistos como fragmentos da vida cotidiana de perseguidos político-religiosos da França, que se refugiaram em Genebra. Eles podem nos revelar mais do que o simples exame das formulações doutrinárias da própria Confissão de Fé de Westminster (preparada por uma assembleia entre 1643-46) para subsidiar a unificação entre o protestantismo escocês e o inglês.

Calvino pode ser visto como a ponta de um *iceberg* capaz de demarcar as fronteiras do pensamento teológico em um momento histórico de turbilhão religioso. Consequentemente, quando da origem e expansão de seus respectivos movimentos, um biografado age como se fosse uma “boia viva” que flutua em um mar agitado. Calvino, no entanto, pode ser visto assim nesse contexto em que um líder é adotado por milhares de pessoas em processo coletivo de recomposição de crenças e práticas quase sempre opostas às principais receitas monopolizadas pelas igrejas e movimentos de onde saíram, foram expulsos ou para elas nunca mais voltariam. Assim ocorreu com o surgimento de denominações cristãs na Inglaterra e nas colônias inglesas da América do Norte, no século XVII. Em suma, Calvino, Lutero, John Knox¹⁷ e outros são mais do que líderes historicamente datáveis, são *personalidades corporativas*, isto é, pessoas que encarnaram determinados anseios e demandas culturais e históricas.

IHU On-Line - Que outras contribuições as ciências sociais podem oferecer para o estudo da teologia de Calvino e para o seu diálogo com a modernidade?

Leonildo Silveira Campos - Além da contribuição de Bourdieu, tenho, à semelhança de meu mestre e orienta-

¹⁷ John Knox (1514-1572): religioso reformador escocês que liderou uma reforma religiosa na Escócia segundo a linha calvinista. (Nota da IHU On-Line)

dor Antonio Gouvêa Mendonça (1922-2007), me reportado aos escritos de Karl Mannheim (*Ideologia e utopia*. Porto Alegre: Editora Globo, 1954) a respeito das conexões entre o pensamento e o contexto social onde ele é produzido. Dele deduzo que não conseguimos compreender bem determinados modos de pensamento, inclusive o teológico, enquanto permanecerem “obscuras as suas origens sociais”. Para Mannheim “o pensamento humano nasce e opera, não num vácuo social, mas num meio social definido” (p.74). Portanto, o pensamento não está divorciado do contexto social. Muito pelo contrário, ele deve ser compreendido “dentro da moldura concreta de uma situação histórico-social” (p.3). Logo, mudanças e transformações na base social em que o pensamento se aninha acarretam um esgarçamento da lógica ou das relações coerentes entre pensamento e sociedade.

Ora, todo período de crise social, econômica e cultural é momento de desgaste para sistemas religiosos, assim como oportunidade para o surgimento de profetas, reformadores ou líderes messiânicos. Eles são pessoas que conseguem transcender o momento histórico, e buscam apoio nas massas que poderão segui-los nesse processo de contestação da ordem estabelecida. Assim ocorreu com os reformadores ao tentarem superar a situação de crise, produzindo “experiências, ações e modos de pensamento” que somente se tornaram um sucesso “em certos lugares e épocas” (p. 126).

É curioso, todavia, pensar na força de sistemas teológicos e religiosos em outros lugares distantes de onde surgiram. Sobre isso há necessidade de maiores considerações. Porém, basta nos lembrar que a propagação missionária de um sistema religioso e de pensamento se dá por meio de um processo de hibridização cultural que nunca pode ser descartado. Em outras palavras, nunca recebemos e inserimos em um novo contexto certas ideias e formas de religiosidade sem o aparecimento de fenômenos como sincretismo ou do hibridismo. Sendo assim, um é o calvinismo de Genebra, outro de John Knox na Escócia, outro que resultou da fixação dos peregrinos

na América do Norte e de lá trazidos por missionários norte-americanos ao Brasil no século XIX.

Crise do protestantismo histórico

As ideias, sistemas de pensamento e formas de se entender as relações entre Deus e a sociedade humana não são impunemente transferidas de um contexto cultural para outro sem modificações. Não há esse elemento imutável que os fundamentalistas chamam de “uma fé que uma vez foi dada aos santos” como num depósito incorruptível. Esse tesouro “puro” é uma mera abstração intelectual que não condiz com a realidade sócio-cultural vivida pelo ser humano.

Finalmente, as ciências sociais podem

**“A teologia de Calvino
está muito longe disso.
O homem é corrupto, a
maldade tomou conta
dele desde que nasceu.
Daí a necessidade de
buscar a graça e a fé para
corrigir essa tendência
crônica para o mal”**

nos ajudar na compreensão da chamada “crise do protestantismo histórico”, também encarada por lentes diferenciadas em função do cenário religioso em que tal crise é percebida. Na Europa, Jean-Paul Willaime (*La précarité protestante - Sociologie du protestantisme contemporain*. Geneve: Labor & Fides, 1992) tem analisado essa crise à luz do fenômeno da secularização, da falta de uma vitalidade que provoque o renascimento e a superação de uma nítida tendência para a decadência e esvaziamento. O fundamentalismo e o ecumenismo aparecem como pólos opostos de tentativas de revitalização. Já na América, o pro-

testantismo que experimenta um longo processo de aclimação tende, em especial na América Latina, para a pentecostalização e assimilação de valores da cultura religiosa católica, indígena e africana.

O culto racional calvinista, a ênfase na doutrina da predestinação, o sistema representativo de governo, tem se tornado muito mais uma realidade virtual no presbiterianismo brasileiro e latino-americano. O culto presbiteriano recebe uma enorme pressão da improvisação e do espontâneo jeito pentecostal de cultuar a divindade. Há uma absorção do racional pelo lúdico e, em especial, pelo “louvorão” (uma forma de cânticos liderados por jovens devidamente equipados de tecnologias novas em que a congregação toda participa durante 30 ou 40 minutos, com palmas e gingar de corpos, a som de guitarras e baterias). O governo representativo, menina dos olhos de Calvino, distancia-se do desejo da congregação, cujos membros afirmam que “não pensam como os presbíteros membros do Conselho administrativo local”. Pastores calvinistas imitam bispos pentecostais e católicos, no exercício do poder eclesástico, assimilando poderes próprios de uma liderança episcopal ou carismática.

Tenho trabalhado com o pressuposto que as ciências sociais nos ajudam a entender as precariedades do protestantismo brasileiro, em especial, o de tradição calvinista. Se o critério for crescimento, sucesso no mercado, o presbiterianismo, portador de uma “herança calvinista” que participava em 34% do grupo de evangélicos em 1930, passou para 7,2% em 1964. Os pentecostais, que eram 9,5% do total de evangélicos em 1930, tornaram-se 77,9% no Censo Demográfico do ano 2000. A síndrome do decréscimo está minando o que foi chamado, em certa época, como a “forma de ser presbiteriano” no Brasil e América Latina. Acredito que, nesse cenário, o presbiterianismo que irá crescer em nosso país não será o herdeiro de Calvino. Haverá um salto de qualidade e restarão apenas pequenos grupos calvinistas conservadores e radicais de um lado e pseudos-calvinistas pentecostalizados de outro.

IHU On-Line - Quais seriam os pos-

síveis pontos comuns entre o calvinismo e o neopentecostalismo, em especial da Igreja Universal do Reino de Deus?

Leonildo Silveira Campos - A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD),¹⁸ que tenho estudado e acompanhado há quase três décadas, somente no que se relaciona à “teologia da prosperidade” pode parecer ter alguma relação com o calvinismo. Max Weber (*A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, Edição de Antonio Flávio Pierucci,¹⁹ São Paulo. Companhia Das Letras: 2004) chamou a atenção para o espírito de disciplina trazido pelo calvinismo, que gerou pessoas interessadas em multiplicar o seu capital por meio de um trabalho no mundo secular, semelhante ao trabalho do monge em um convento. A riqueza acumulada passou a ser um sinal da eficiência da vocação e de que a predestinação estava evidenciada. Essa tese despertou um enorme debate nestes últimos 105 anos da publicação da primeira versão daquele ensaio de Weber.

Não vem ao caso agora explorar em profundidade a tese weberiana. Mas é

curioso que, apesar de defendida arduamente por poucos, combatida por muitos, o público de um modo geral se esqueceu de Sombart²⁰ ou das questões levantadas por R.H. Twney, e a tese de Max Weber continua sendo discutida.

A IURD, diferente do calvinismo, prega o livre arbítrio, condena a predestinação como uma heresia criada por Santo Agostinho e não atrai fiéis com o espírito de disciplina próprio dos puritanos ingleses de origem calvinista. O carro-chefe da pregação iurdiana é uma filosofia também presente em outros movimentos religiosos não-cristãos, como, por exemplo, em religiões orientais do tipo da Seicho-no-ie, ou nos que pregam a força da mente sobre a organização da vida financeira das pessoas. Lair Ribeiro²¹ seria um bom exemplo laico de praticante e pregador da filosofia da prosperidade.

Na IURD, a busca da prosperidade é para garantir que alguém é filho de um “Deus rico” e que não admite ter filhos pobres. O dinheiro (segundo Macedo,²² é o “sangue da Igreja”) a ser conquistado, mesmo à custa da fidelidade a um Deus presumivelmente rico, é a chave para a entrada numa sociedade afluyente onde somente o TER bens é o que vale. Estar fora da sociedade de consumo, dirigida pelas leis do mercado, é estar fora de uma relação com Deus. Portanto, a conversão envolve o redirecionamento da vida financeira. Porém, insistimos, o dinheiro não é para ficar parado ou para ser reinvestido no sistema que irá produzir mais dinheiro para o fiel. Ser um “abençoado filho de Deus” é ser um consumidor de todos os bens materiais que foram, segundo a IURD, colocados à disposição dos autênticos filhos de Deus. Daí a pregação da autoestima, da crença em suas potencialidades, do despertar

da fé que está dentro do próprio indivíduo, o que faz dele um portador de um fragmento de Deus.

A teologia de Calvino está muito longe disso. O homem é corrupto, a maldade tomou conta dele desde que nasceu. Daí a necessidade de buscar a graça e a fé para corrigir essa tendência crônica para o mal. Para Calvino, é de um Deus totalmente soberano que provém o chamado ou a vocação para um indivíduo se integrar no time dos salvos. A salvação vem da aceitação do chamado irresistível. Não depende, portanto, de algo que já esteja dentro do ser humano à espera de um despertamento. Não há nada mais herético para Macedo do que esse “monstruoso ensinamento”.

No que se relaciona à administração da Igreja, a IURD é praticante do sistema episcopal de governo. Tudo está atrelado a uma centralização e uma verticalização do exercício do poder eclesiástico. Em entrevista a nós, em 1994, o então porta-voz da teologia da IURD, o falecido pastor J. Cabral, nos afirmou que Edir Macedo é mais obedecido na sua Igreja do que o Papa na Igreja Católica. Os bispos exercem um papel subalterno em relação a Macedo e os pastores àqueles. Aos fiéis reunidos (uma massa apenas) não se permite nenhuma organização ou escolha de seus representantes em algum tipo de governo. Da eclesiologia calvinista nada há que se assemelhe à eclesiologia da IURD.

No calvinismo, há uma possibilidade de se mudarem as coisas no interior de uma Igreja presbiteriana qualquer. Isso através dos “meios competentes”, isto é, por meio da Assembleia e do Conselho local, dos Concílios regionais (presbitérios) ou dos Sínodos ou Assembleia Geral (de caráter nacional, às vezes, chamado pomposamente de Supremo Concílio). Qual é a possibilidade que alguém ou algum grupo tem de propor mudanças na IURD?

A minha conclusão é que a questão da prosperidade não justifica uma aproximação do calvinismo com a IURD. Esta é uma Igreja que conseguiu assimilar elementos da religiosidade popular católica, indígena e africana, mesclando com elementos da pós-modernidade e de sua vertente religiosa - a Nova Era.

18 Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): igreja cristã protestante, de tendência pentecostal, fundada no Brasil. Sobre o tema, confira a edição 36 do *Cadernos IHU Ideias*, intitulada *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica*, disponível para download em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1158330917.43pdf.pdf>. Confira, ainda, a entrevista *Neopentecostais e religiões afro-brasileiras. Uma guerra instituída?*, com Vagner Gonçalves da Silva, publicada em 14-04-2009, nas *Notícias do Dia do IHU*, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=21274. Leia, também, a entrevista com Toni André Scharlau Vieira, *A compra da Guaíba e do Cordeiro do Povo pela IURD*, publicada em 16-03-2007, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=5696. (Nota da IHU On-Line)

19 Antônio Flávio de Oliveira Pierucci: sociólogo brasileiro. É professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). Concedeu a entrevista intitulada *Em defesa da pluralidade e da multicausalidade*, sobre Max Weber, ao *IHU On-Line* n.º 101, de 17-04-2004, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158261116pdf.pdf>. Dele, também publicamos o artigo *O retrovisor polonês* na *IHU On-Line* n.º 136, de 11-04-2005. Em 2005 proferiu a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

20 Werner Sombart (1863-1941): sociólogo e economista alemão, que influenciou nas ideias de Weber. (Nota da IHU On-Line)

21 Lair Ribeiro: escritor, conferencista e palestrante motivacional brasileiro que durante muitos anos atuou como médico cardiologista. Tem diversos livros, artigos, vídeos e audios na área da Programação Neurolinguística (PNL). (Nota da IHU On-Line)

22 Edir Macedo Bezerra (1945): empresário e religioso brasileiro, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), e proprietário da Rede Record de Televisão. Promotora e defensora da Teologia da Prosperidade, a IURD cresceu e tornou-se a quarta maior corrente religiosa do país, segundo o Censo de 2000. (Nota da IHU On-Line)

Para Calvino, a eleição divina independe até mesmo da fé

Traduzida para o português em dois tomos, *A instituição da religião cristã* possuía estilo próprio, diferente daquele marcante nas obras de Teologia da Idade Média, acentua Carlos Eduardo de Oliveira

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** *Instituição da religião cristã* é uma obra apologética composta por um estilo próprio, profundamente diverso daquele que marcou as principais obras teológicas da Idade Média. Como pano de fundo de seu trabalho, Calvino apoia-se, sobretudo, na sucessão de citações de várias passagens das Escrituras retoricamente apoiadas, principalmente, pela explanação de textos patrísticos”. A afirmação é do filósofo Carlos Eduardo Oliveira, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Um dos tradutores de *A instituição da religião cristã* (São Paulo: Editora UNESP, 2008, Tomo I, Livros I e II), junto dos pesquisadores José Carlos Estêvão, Ilunga Kabebgele, Elaine Cristine Sartorelli e Omayr José de Moraes Júnior, ele diz que, quanto ao conteúdo dessa obra, “o adversário é facilmente identificado: os abusos da Igreja de sua época, apontados por Calvino como uma decorrência do mau uso e compreensão da tradição cristã nos quais amplamente teria incorrido a ‘escolástica’”. O pesquisador fala, ainda, sobre a força conferida à teologia de Calvino através da obra de Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. “Muito mal resumidamente, poderíamos dizer que Weber defende que os calvinistas acabaram em algum momento por identificar o sucesso econômico como um sinal da eleição divina, e que isto teria, de algum modo, contribuído na história da evolução do capitalismo”. As proximidades e diferenças entre Calvino e Ockham são outro tema dessa entrevista.

Graduado em Filosofia pelas Faculdades Associadas do Ipiranga, é mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese *A Realidade e seus Signos: as proposições sobre o futuro contingente e a predestinação divina na lógica de Guilherme de Ockham*. É professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no Centro de Educação e Ciências Humanas. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais foram os principais desafios em traduzir *A instituição da religião cristã*¹, de Calvino?

Carlos Eduardo Oliveira - Quando nos foi proposta, a tradução da *Instituição da Religião Cristã* de João Calvino não foi nada menos que uma boa provocação. Atendendo a uma solicitação que, embora curiosamente tenha partido de fora da Universidade, dizia respeito a um texto de reconhecida importância na academia, a editora da Unesp apresentou o pedido de que fosse feita a tradução desta obra de Calvino tendo em vista algo que contemplasse tanto as exigências próprias de um trabalho

acadêmico como o possível delineamento de um projeto um pouco mais ambicioso. Por um lado, a proposta da editora era a de que fosse levada a cabo uma nova tradução que pudesse ser apresentada não apenas como legível ou correta - uma vez que já havia em português uma tradução para este livro -, mas como um trabalho que também levasse em conta a tecnicidade do vocabulário empregado pelo autor bem como o seu referencial teórico. Concomitantemente, propunha-se a tarefa de tentar reunir, a partir desta tradução, um conjunto de tradutores que, depois, pudessem ser envolvidos em outros projetos de tradução de textos latinos relevantes tanto para a área de filosofia como de

humanidades em geral.

O responsável por reunir as pessoas que poderiam corresponder a este perfil foi o professor José Carlos Estêvão,² professor de História da Filosofia Medieval no Departamento de Filosofia da USP. Além de montar a equipe de tradutores e ele próprio contribuir ativamente na tradução do primeiro dos dois volumes do texto de Calvino, publicados pela editora da Unesp (equivalentes aos livros I e II da “Ins-

² José Carlos Estêvão: doutor em Filosofia pela USP, onde é professor. É membro fundador do Centro de Estudos de Filosofia Patrística e Medieval de São Paulo - CEPAME. Trabalha com Filosofia, com ênfase em História da Filosofia, em especial com os seguintes temas e autores: o nominalismo medieval, Pedro Abelardo e Guilherme de Ockham, e o pensamento político de Tomás de Aquino e Agostinho de Hipona. (Nota da IHU On-Line)

¹ Confira, também, o recém lançado *A instituição da religião cristã* (São Paulo: Editora UNESP, 2009, Tomo II, 508 p.), traduzido por Omayr José de Moraes Júnior e Elaine C. Sartorelli. (Nota da IHU On-Line)

tituição”), ele foi também o principal revisor e assessor para as questões técnicas e propriamente teóricas do texto apresentado neste tomo. Assim, no final, o primeiro volume da tradução acabou sendo feito por uma equipe que mesclou tanto especialistas em filosofia medieval (o próprio professor Estevão e eu) como contou com a colaboração de especialistas em língua latina, como o professor Ilunga Kabengele, especialista em letras clássicas (latim). Outro ponto interessante foi a preocupação de agregar novos formandos que poderiam vir a se dedicar a este tipo de trabalho, donde a colaboração de alguns alunos do curso de letras da USP na realização das versões iniciais da tradução. Num segundo momento, encarregou-se da tradução do segundo tomo da “Instituição” (correspondente aos livros III e IV) a professora Elaine Cristine Sartorelli,³ do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da USP, com a colaboração de Omayr José de Moraes Júnior.

Desafios da tradução

Falando propriamente dos desafios de realizar esta tradução, vale a pena mencionar alguns dos percalços que ladearam a constituição da primeira equipe acima mencionada. Basicamente, seja ela feita a partir de uma língua clássica, como é o caso do latim, seja ela a tradução de um texto escrito numa língua moderna, importa bastante para a realização de uma tradução de qualquer texto filosófico não só, como é óbvio, um bom conhecimento da língua original, mas também certa fidelidade na reprodução das escolhas do autor por certas palavras e expressões, mesmo quando isso possa vir a ser finalmente visto, tanto em matéria de tradução como de redação, como estilisticamente pouco recomendável.

Um exemplo para que isso possa ser mais facilmente compreendido é o expediente, às vezes, empregado pelo autor da repetição seguida de certas palavras. Uma das tentações do tra-

³ Elaine Cristine Sartorelli: doutora em Letras Clássicas pela USP, onde é professora. Atua nos seguintes temas: retórica, século XVI, gênero deliberativo, ethos, polêmicas. (Nota da IHU On-Line)

“O que há de concreto entre Calvino e a filosofia ockhamiana não parece ir além de uma relação de profunda antipatia. As poucas referências feitas a Ockham por Calvino no segundo livro da ‘Instituição’ são sempre negativas, não fazendo mais do que desqualificar como ‘vulgares’ as propostas ockhamianas”

dutor, preocupado inclusive com uma melhor fluência da versão por ele elaborada, é o emprego de sinônimos. E isso, é claro, não acontece somente quando as repetições são manifestas. É obviamente ainda mais fácil ocorrer o emprego de termos sinônimos para traduzir uma mesma palavra ou expressão, especialmente quando esta repetição não é tão evidente assim. Ora, o grande problema por trás destas opções, seja para o tradutor, seja para o autor, é que o emprego, seja reiterado ou não, de uma mesma palavra pode não significar simplesmente uma (boa ou má) escolha estilística, mas a própria construção de um conceito.

Perceber quando este é o caso é fundamental para qualquer pessoa que se propõe a traduzir um texto acadêmico, o que faz com que se espere da tradução não apenas um bom trabalho de versão, mas inclusive, e, principalmente, uma tradução que tenha por base um bom trabalho de interpretação, que seja o máximo possível fiel às ideias do próprio autor. Assim, a má compreensão do argumento que está sendo traçado ou do horizonte teóri-

co a partir do qual o texto está sendo escrito são ameaças constantes à realização da tradução, e os motivos mais frequentes de um possível insucesso. É nesse sentido que não é nada despropositado o ditado de que todo tradutor não é senão um traidor...

Demandas acadêmica e comercial

No caso de Calvino, especificamente, foi preciso, além disso, que aprendêssemos quando seus textos faziam referência a uma certa tradição de debates, fato nem sempre evidente. Basta lembrar que muito da argumentação de Calvino busca seu apoio em textos patrísticos, especialmente os textos de Agostinho de Hipona,⁴ autor que possui um estilo próprio baseado principalmente numa filosofia de caráter platônico. Com o apoio destes textos, Calvino busca construir uma argumentação que apareça como uma sorte de contraposição ao modo de argumentar próprio daqueles que, seguindo sua própria esteira, podemos vagamente chamar de “escolásticos”, autores que, por sua vez, eram claramente devedores da tradição aristotélica. Sendo assim, ainda mais quando se trata de um texto volumoso como o traduzido, fica claro que a principal dificuldade a ser superada e uma das coisas que dificilmente podem ser negociadas é o espaço de tempo requerido para a realização de uma tradução como a proposta. E quanto a esse aspecto, no final foi forçoso constatar que, mesmo em se tratando de uma editora universitária, infelizmente o tempo visado ainda não consegue deixar de estar completamente vinculado ao tempo do financiamento externo e da suposta “oportunidade” editorial, no mais nem sempre conseguindo escapar de não se deixar reduzir a muito mais do que a uma promissora carta de boas intenções.

Por fim, não é possível deixar de mencionar que a versão da tradução por nós entregue passou ainda por uma revisão independente e, por vezes, desavisada das opções tomadas, alteran-

⁴ Aurélio Agostinho (354-430): conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutores da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

do tanto a tradução de termos técnicos quanto substituindo por traduções correntes da Bíblia trechos em que a própria citação de Calvino não segue exatamente a Vulgata... Assim, é um pouco como o resultado espremido entre o que é exigido por essas duas demandas, a saber, a acadêmica e, digamos assim, a “comercial”, que aparece a presente tradução.

IHU On-Line - Quais são as principais peculiaridades dessa obra?

Carlos Eduardo Oliveira - A *Instituição da Religião Cristã* é uma obra apologética composta com um estilo próprio, profundamente diverso daquele que marcou as principais obras teológicas da Idade Média. Como pano de fundo de seu trabalho, Calvino apoia-se, sobretudo, na sucessão de citações de várias passagens das Escrituras retoricamente apoiadas, principalmente, pela explanação de textos patrísticos.⁵ Por outro lado, apesar de sua declarada contrariedade para com a filosofia “escolástica”, quando conveniente, Calvino não se furta nem mesmo a retomar alguns dos principais tópicos discutidos na teologia medieval. Mas sem abandonar seu estilo polêmico, Calvino parece frequentemente preferir a força da retórica aos recursos argumentativos, desenvolvidos na esteira da aproximação medieval da teologia com a filosofia aristotélica. Quanto ao seu conteúdo, o adversário é facilmente identificado: os abusos da Igreja de sua época, apontados por Calvino como uma decorrência do mau uso e compreensão da tradição cristã nos quais amplamente teria incorrido a “escolástica”. Inicialmente não mais que um pequeno catecismo, as várias versões da obra certamente conferiram à *Instituição* o lugar de uma das mais abrangentes e importantes obras de teologia do século XVI.

⁵ **Patrística**: nome dado à filosofia cristã dos primeiros sete séculos, elaborada pelos Pais da Igreja, os primeiros teóricos, daí “Patrística”. Consiste na elaboração doutrinal das verdades de fé do Cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos “pagãos” e contra as heresias. Foram os padres da Igreja responsáveis por confirmar e defender a fé, a liturgia, a disciplina, criar os costumes e decidir os rumos da Igreja, ao longo dos sete primeiros séculos do Cristianismo. É a Patrística, basicamente, a filosofia responsável pela elucidação progressiva dos dogmas cristãos e pelo que se chama hoje de Tradição Católica. (Nota da IHU On-Line)

“Para além de sua fortuna crítica dentro da história da própria Reforma, o protestantismo calvinista e a teologia de Calvino ganham nova força na atualidade através da obra de Max Weber, que, em seu livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, defende a existência de uma ligação entre o sucesso do capitalismo moderno e as bases da ética calvinista”

IHU On-Line - Por que essa obra é considerada um dos tratados teológicos mais influentes da história do cristianismo?

Carlos Eduardo Oliveira - Antes de tudo, é preciso ter cuidado com os superlativos para não confundir a justa menção à real importância de uma obra com o mero proselitismo, seja ele de cunho religioso ou não. Isto observado, é incontestável a importância e a influência exercida pelo pensamento de Calvino na história da Reforma, principalmente na formulação dos diversos tipos de protestantismo que puderam de algum modo ser abarcados sob o rótulo de “calvinismo”.

Embora eu utilize aqui, frequentemente, o adjetivo “calvinista” indicando aquilo que é próprio à obra do próprio Calvino, especialmente a *Instituição*, sabe-se que nem tudo o que é classificado sob este rótulo e

o de “calvinismo” pode ser tomado como a exata expressão daquilo que propôs Calvino. Neste sentido, talvez fosse melhor chamarmos de “calviniano” aquilo que entendemos dizer respeito diretamente às propostas do próprio Calvino. Mas, ainda assim, se for possível afirmar que as várias espécies de calvinismo tenham (ao menos enquanto pretensão) suas raízes no pensamento do próprio Calvino, já teríamos nisto um bom sinal indicativo da força e da importância da obra, digamos desta vez, calviniana. Mas, para além de sua fortuna crítica dentro da história da própria Reforma, o protestantismo calvinista e a teologia de Calvino ganham nova força na atualidade através da obra de Max Weber, que, em seu livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, defende a existência de uma ligação entre o sucesso do capitalismo moderno e as bases da ética calvinista, cujos princípios são elencados por Weber com base principalmente no texto da *Confissão de Westminster*.

Predestinação e sucesso econômico

É também através desta obra de Weber que a teoria calvinista da predestinação ganha nova força e reaparece como objeto de grande interesse mesmo fora da esfera protestante. Muito mal resumidamente, poderíamos dizer que Weber defende que os calvinistas acabaram em algum momento por identificar o sucesso econômico como um sinal da eleição divina, e que isto teria de algum modo contribuído na história da evolução do capitalismo. É certo que hoje já há quem defenda que aquilo que Weber havia proposto como próprio da ética calvinista não teria senão uma pálida relação de familiaridade com o calvinismo original. Seja ou não assim, permanece o fato de que não há como negar a extensão da fortuna seja de Calvino, seja dos diversos “calvinismos”. Agora, que estes elementos sejam suficientes para fazer da *Instituição* a obra mais influente da história do cristianismo parece ser já uma outra conversa...

IHU On-Line - De que forma a teolo-

gia calvinista dialoga com a tradição cristã, em especial com Agostinho e Tomás de Aquino, por exemplo?

Carlos Eduardo Oliveira - Basta dar uma rápida passada de olhos na introdução que Calvino escreve para a *Instituição*, especialmente na carta ao rei Francisco I, para perceber o quão Calvino quer apresentar-se consoante ao espírito da mais primitiva Igreja cristã. Para isso, afirma estar imediatamente alinhado ao que seria próprio dos ensinamentos que ele reclama serem seguidos diretamente dos Pais da Igreja, afastando suas conclusões do que entende ser uma má apropriação feita destes ensinamentos pela Igreja de sua época. De fato, grande parte do que é defendido por Calvino aparece, em última análise, apresentado como apoiado na doutrina de Agostinho, Pai da Igreja a quem Calvino presta grande deferência, preferindo-o a qualquer outro. Para a evidência disso, basta lembrar a elaboração da doutrina da predestinação de Calvino, insistentemente por ele apresentada como lastreada obviamente pelas Escrituras e pelas conclusões da doutrina agostiniana. No que diz respeito a Tomás de Aquino,⁶ apesar da declarada antipatia de Calvino pelos escolásticos, a relação equilibra-se entre a crítica e o manejo de algumas de suas teses. Mesmo que Tomás não guarde no pensamento calvinista nem de longe o mesmo estatuto conferido a Agostinho e aos demais Pais da Igreja, Calvino não esconde que encontra, no Aquinate, algumas boas distinções, como é possível constatar em sua exposição sobre a lei moral. Aliás, é importante reconhecer aqui que a crítica de Calvino aos escolásticos não é cega, como comprova o trecho que encerra o capítulo XVI do primeiro livro: “[...] Por isso vemos, novamente, serem inventadas nas escolas, não sem propósito, distinções entre a necessi-

“Calvino provavelmente concordaria com Ockham enquanto ele diz que é impossível conhecermos a vontade divina. Mas sua compreensão deste ponto se dá de um modo muito diferente daquele que é defendido por Ockham”

dade segundo algo [*secundum quid*] e a necessidade absoluta, assim como entre a necessidade do consequente e a da consequência [...]”.

IHU On-Line - Como especialista em Ockham,⁷ você percebe similaridades na forma como esse pensador e Calvino concebiam a predestinação?

Carlos Eduardo Oliveira - Não é novidade para a literatura especializada a indicação de uma pretensa relação entre o que propõe Calvino e certo “nominalismo” de verve ockhamiana, ou mesmo entre Ockham e a Reforma em geral. Mas, pelo menos no caso de Calvino, esta relação parece ser muito tênue, senão inexistente. Para não ignorá-las sem mais, talvez seja

7 William de Ockham (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham (em inglês, Ockham's Razor), que dizia que as “pluralidades não devem ser postas sem necessidade”. Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, e portanto produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas ideias foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. Sobre Ockham, algumas boas fontes de pesquisa são *A compendium of ockham's teachings* (New York: The Franciscan Institute, 1998); *Ockham's theory of terms* (South Bend: St. Augustine's, 1998). (Nota da IHU On-Line)

prudente considerar se tais aproximações não teriam seguido um raciocínio semelhante ao proposto por Etienne Gilson,⁸ que, ao falar sobre Ockham, aponta ser preciso notar que a crítica ockhamiana à “filosofia escolástica” foi capaz de provocar a ruína desta filosofia muito antes da constituição da filosofia moderna. Assim, se encarado como um crítico do aristotelismo, ou, ao menos, de certa tradição interpretativa do aristotelismo própria àquilo que se chama vagamente de escolástica, talvez de fato seja possível ver alguma aproximação entre Ockham e Calvino. Mas, para além desse quadro muito geral e, por isso mesmo, provavelmente falho, o que há de concreto entre Calvino e a filosofia ockhamiana não parece ir além de uma relação de profunda antipatia. As poucas referências feitas a Ockham por Calvino no segundo livro da “Instituição” são sempre negativas, não fazendo mais do que desqualificar como “vulgares” as propostas ockhamianas.

A predestinação em Ockham e Calvino

No que diz respeito precisamente ao tema da predestinação, a preocupação de Ockham parece, de fato, completamente distinta daquela proposta por Calvino. Ockham, que dedicou até mesmo um Tratado ao assunto, o *Tratado da Predestinação*, parecia ter em vista não mais do que a tentativa de mostrar o quanto aquilo que, segundo sua interpretação, a fé propunha sobre a predestinação de fato se afastava das teses que Ockham entendia serem as de Aristóteles. E no que poderia ser visto como um motivo de grande contrariedade para qualquer espírito calvinista, a resposta ockhamiana será que Aristóteles e a fé divergem muito pouco. A maioria das aparentes diferenças entre o discurso religioso e o filosófico não passariam, em última instância, de diferenças semânticas. No fim das contas,

8 Étienne Gilson (1884-1978): historiador e filósofo francês, considerado o maior medievalista do século XX, tanto pela quantidade de suas obras, tanto pela originalidade das teses que levantou. (Nota da IHU On-Line)

6 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae*, a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

Ockham defenderá que apenas seria possível apontar uma única diferença real entre o que, na sua interpretação, é defendido por Aristóteles e o que é defendido pela fé: a certeza aristotélica de que Deus nada poderia conhecer certamente a respeito do futuro contingente. Mas mesmo aqui Ockham deu o crédito para Aristóteles: em sua opinião, de fato é impossível que compreendamos racionalmente o modo pelo qual Deus é capaz de ter tal conhecimento. Nada mais próximo de Calvino e, ao mesmo tempo, nada mais anticalvinista.

Eleição divina independe até mesmo da fé

No que diz respeito ao aspecto estritamente teológico da questão, para Ockham, tal como depois também defenderá Calvino, aquilo que faz o homem absolutamente não pode ser considerado como uma causa para a sua salvação ou condenação, no sentido de que podemos entender por isso que as ações do homem de certo modo “obrigariam” Deus a salvá-lo ou a condená-lo. Mas para Ockham, Deus claramente escolhe salvar aqueles que são finalmente justificados pela graça e condenar aqueles que morrem em impenitência final, uma vez que, como reza o adágio proposto por Agostinho, “Deus não se vinga antes que alguém seja pecador, do mesmo modo que não recompensa antes que alguém seja justificado pela graça”. Uma única possibilidade de exceção a esta regra é considerada por Ockham no caso da Bem-aventurada Virgem e dos anjos bons, que poderiam ter sido predestinados antes mesmo que fossem merecedores da predestinação. Mas Ockham nem mesmo leva o assunto adiante, dizendo tratar-se de um caso sobre o qual não é possível arriscar nenhum palpite. Provavelmente, não por outra razão senão pelo próprio fato de Deus não ter-nos revelado o que realmente se deu...

Assim, de seu lado, Calvino provavelmente concordaria com Ockham enquanto ele diz que é impossível conhecermos a vontade divina. Mas sua

compreensão deste ponto se dá de um modo muito diferente daquele que é defendido por Ockham. Transformando em regra aquilo que em Ockham não aparece senão em tese e como um possível caso de exceção, Calvino defenderá que a eleição divina seja absolutamente, independentemente de qualquer coisa feita por parte do homem. Para Calvino, a eleição divina independe até mesmo da fé.

Desígnios divinos insondáveis

Portanto, de acordo com Calvino, cabe somente ao desígnio divino - que para nós continua, no mais, insondável - salvar ou condenar a alguém. E ele avança ainda um pouco mais a esse respeito: ao eleger alguém para a salvação, Deus confere a ele seu espírito de sabedoria, dando-lhe a conhecer a revelação cristã. O condenado, porém, seria privado por Deus da graça de seu espírito como sinal de sua condenação. Ainda a esse respeito, Calvino não hesita afirmar que seja certo que aqueles que se afastam do Cristo perecerão, e que é certo que aqueles que se afastam de Cristo o fazem porque a eles não foi conferido o espírito divino. Ao propor tais teses, Calvino não faz mais do que reafirmar sua profunda crença na absoluta liberdade divina. No entanto, este modo pelo qual Calvino confessa esta sua crença parece não fazer mais do que lhe trazer alguns problemas que podem, ao final, se mostrar até mesmo insolúveis.

Ainda que os desígnios divinos permaneçam insondáveis, para Calvino é certo que o homem, principalmente aquele que é conhecedor da revelação cristã, deve se mostrar grato pela graça que lhe foi dada e se mostrar desejoso de que, uma vez conhecedor do Cristo, ele também seja um dentre os eleitos. Mas, se de um lado Calvino alerta que esta esperança não pode ser convertida em soberba através de uma falsa “certeza” da salvação, por outro lado, seus argumentos não são suficientemente claros para que se entenda de fato como este reconhecimento que o homem tem para

com seu salvador poderia ser muito mais do que uma consequência de sua eleição. Embora refutada por alguns calvinistas como não expressando senão uma má caricatura daquilo que é defendido por Calvino, ainda parece válida uma velha objeção já muitas vezes levantada contra o pensamento de Calvino a respeito da relevância de qualquer ação humana. Por um lado, dado que a eleição de qualquer homem seja absolutamente independente de qualquer coisa que ele faça, não se vê muito bem a razão da insistência de Calvino na importância de o homem mostrar-se reconhecido a Deus pela graça da salvação. Afinal, se ao eleito é dado o espírito divino e a falta de tal reconhecimento não seria senão a expressão da não eleição, parece impossível para aquele que Deus escolheu não ter tal reconhecimento. Por outro lado, como dito, na contramão do que acontece para com os eleitos, o afastamento do condenado não é senão uma das consequências de sua não eleição, uma vez que ele está privado do espírito divino que propicia a adequada compreensão da revelação cristã. Sendo tal afastamento não mais do que um dos sintomas de sua não eleição, como Calvino ainda pode sustentar, na esteira de Agostinho, que o homem escolhe livremente agir mal, uma vez que o livre-arbítrio não poderia ser negado a fim de justificar o pecado? Desafortunadamente, a resposta de Calvino para esta questão não vai além de um dogmatismo esmagador: “se certas línguas desenfreadas vomitam seu veneno contra isto, não nos envergonhemos de exclamar: « ó homem! Quem és tu, para que alterques com Deus? » (Rm 9, 20). Porque Agostinho diz muito bem que aqueles que medem a justiça de Deus pela dos homens agem muito mal”. Aqui, fica evidente que o que Calvino tem reconhecidamente de melhor parece poder lhe servir também de problema: embora claramente um excelente polemista e retórico, de fato a leitura de seus textos, frequentemente, dá a impressão ao leitor de que ele tenha preferido a boa prosa a uma melhor estruturação dos argumentos propostos.

Calvino. Um revolucionário ou um conservador?

Yves Krumenacker explica que verdadeira vontade de Calvino era reformar a Igreja devolvendo-lhe a forma primitiva. Por isso, seria um conservador. Hoje, redescobre-se um homem talvez “excessivo em suas ideias”, que se pensava um profeta

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Quinhentos anos após seu nascimento, Calvino é redescoberto como um homem talvez “excessivo em suas ideias, que acreditava ser um profeta, mas que tinha um grande sentido da glória de Deus e de sua majestade, um homem que não podia aceitar superstições, ou seja, segundo ele, cultivar as falsas imagens de Deus e o falso culto prestado a Deus”. A análise do historiador francês Yves Krumenacker vai adiante: “Esta orientação de todo o seu ser para Deus, este cuidado exclusivo de Deus ainda podem, sem dúvida, falar aos cristãos de hoje, embora as épocas sejam muito diferentes”. Examinando a possibilidade de Calvino ser um revolucionário ou um conservador, Krumenacker aponta para a segunda como muito mais plausível. Isso porque o reformador queria restituir a forma primitiva da Igreja. No entanto, pondera, “sua ação teve consequências revolucionárias que certamente o ultrapassaram”. As relações entre a Companhia de Jesus e a Contra-Reforma são outro tema da entrevista a seguir, concedida à IHU On-Line por e-mail.

Professor na Universidade Lyon 3, na França, desde 1998, Krumenacker foi aluno da Escola Normal Superior de Saint-Cloud. Desde 2008, é membro do Instituto Universitário da França. Pesquisa sobretudo a história religiosa da França moderna, nomeadamente sobre espiritualidade do século XVII e o protestantismo. Escreveu, entre outros, *Les Protestants du Poitou au XVIII^e siècle* (1681-1789) (Paris: H. Champion, 1998) e *Calvin. Au-delà des legendes* (Paris, Bayard, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O calvinismo foi uma reforma ou uma revolução?

Yves Krumenacker - Calvino jamais foi um revolucionário, ele antes teria sido um conservador. Os movimentos radicais, como os anabatistas, o horroizam. Sua reforma é verdadeiramente uma vontade de reformar a Igreja, de formá-la novamente, restituindo-lhe sua forma primitiva, de retornar, portanto, à Igreja antiga. No entanto, sua ação teve consequências revolucionárias que certamente o ultrapassaram. Com efeito, Calvino contribuiu para fazer a Europa sair da cristandade medieval, ele trouxe a formação de Estados pluralistas, ele obrigou a se pensar mais a liberdade de consciência.

IHU On-Line - Em que medida podemos estar de acordo com a afirmação que Calvino teria sido para a língua francesa o que Lutero foi para a língua alemã - uma figura quase paternal?

Yves Krumenacker - Lutero realmente fundou o alemão moderno, o que não é o caso de Calvino para o francês. No entanto, ele é reconhecido, há alguns anos, como um escritor muito destacado, claro, sóbrio, elegante, com um estilo muito moderno; é um dos escritores de sua época mais legíveis para um francês de hoje. Calvino também é um dos primeiros a escrever teologia em francês.

IHU On-Line - Quais foram as circunstâncias nas quais se deu o exílio de Calvino?

Yves Krumenacker - Em sua preocupação de reencontrar uma Igreja pura, Calvino aproximou-se pouco a pouco dos ambientes franceses mais reformadores e mais próximos dos protestantes suíços. Ele esperava que a França pudesse reformar-se seguindo os conselhos dos evangélicos, como o humanista Lefèvre d'Étaples. Mas,

o rei Francisco I se aproxima do papa por razões políticas. Calvino começa a compreender, em fins de 1533, que a reforma, tal como ele a deseja, é impossível. Ele pensa então que é preciso romper com “o papismo”. A partir de outubro de 1534, os que se opõem a Roma são perseguidos. Calvino se sente ameaçado e deixa a França.

IHU On-Line - Como os jesuítas e a Contra-Reforma reagiram ao calvinismo?

Yves Krumenacker - A Igreja católica reagiu primeiro ao luteranismo, e os primeiros calvinistas franceses são considerados como luteranos. Os livros de Calvino são condenados e dão lugar a controvérsias teológicas, mas os primeiros jesuítas não participam delas, pois é ainda demasiado cedo para a Companhia de Jesus.¹ Somente a par-

¹ Companhia de Jesus: Fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados por Ignácio de Loyola. Seus

tir de 1560, ou seja, no momento em que Calvino desaparece (ele morre em 1563), que os jesuítas são verdadeiramente ativos contra o calvinismo: posse de colégios em regiões marcadas pelo calvinismo, redação de catecismos (o do Pe. Auger é de 1563), missões nas zonas rurais, controvérsias. No Concílio de Trento,² os jesuítas contribuíram para precisar os dogmas católicos contra as ideias protestantes. Confessores ou conselheiros de numerosos príncipes católicos, eles irão atuar para que se realize uma reconquista católica das regiões protestantes, por exemplo, na Europa central, graças às missões, às pregações, mas também pela força. É, sobretudo, o lugar considerável que os jesuítas tomam na Contra-Reforma que faz com que se veja neles os principais adversários dos calvinistas. Mas, essa é apenas uma de suas numerosas atividades, e eles não são os únicos a se opor ao protestantismo: eles são simplesmente os mais eficazes.

IHU On-Line - Quais eram as relações entre Calvino e os jesuítas?

Yves Krumenacker - Calvino podia ter conhecido Inácio de Loyola. Ele deixa, com efeito, o colégio de Montaigu, em Paris, em 1528, quando Santo Inácio entra ali. Os dois homens seguem cursos em Paris ao mesmo tempo, em 1532. Ambos têm uma piedade muito cristocêntrica e têm quase a mesma divisa: *Soli Deo gloria* para Calvino; *Ad maiorem Dei gloriam* para Santo Inácio. Aliás, Calvino jamais polemizou muito com os jesuítas; era antes a faculdade de teologia de Paris que ele atacava. Ele não devia gostar muito dos jesuítas

membros são chamados jesuítas. A esses religiosos coube papel destacado nos Sete Povos das Missões, na catequização dos índios daquelas localidades e no estímulo à vida comunitária. Hoje a Companhia de Jesus dedica-se, sobretudo, ao serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo cultural e inter-religioso. A Unisinos é uma universidade pertencente à Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

² Concílio de Trento: realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. É considerado um dos três concílios fundamentais na Igreja Católica. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contra-Reforma. (Nota da IHU On-Line)

“É, sobretudo, o lugar considerável que os jesuítas tomam na Contra-Reforma que faz com que se veja neles os principais adversários dos calvinistas”

por causa de sua ligação ao papa, mas ele não fala disso. De fato, como se viu, as polêmicas entre os jesuítas e os calvinistas são mais tardias.

IHU On-Line - Pode-se falar de uma “ética calvinista e o espírito do capitalismo”? Por quê?

Yves Krumenacker - Foi o sociólogo alemão Max Weber que desenvolveu, no início do século XX, a tese de elos muito fortes entre a ética calvinista e o espírito do capitalismo. Ele procurava mostrar a influência que as religiões puderam ter no advento do mundo moderno. Para ele, o calvinismo incita ao trabalho racional e consciencioso, recusando os prazeres da vida; isso permite acumular capital, que é, sem cessar, reinvestido. Ganhar dinheiro para fazê-lo frutificar também se torna uma virtude. Pessoalmente, sou muito cético em relação a essa ideia. Com efeito, o exame da vida real dos calvinistas mostra que seu comportamento não é sempre racional e que os pastores têm, frequentemente, muita dificuldade em lhes impor uma vida austera. De outra parte, diversas correntes de espiritualidade católica, de jesuítas a São Francisco de Sales, insistem também na necessidade de realizar da melhor forma sua vocação sobre a Terra.

IHU On-Line - Como explicar a reação de Calvino em relação à riqueza? Há relação entre o calvinismo grasar em países como Holanda, Escócia, França, Inglaterra e EUA e seu desempenho econômico positivo?

Yves Krumenacker - Minha resposta à

questão precedente explica que a relação não me parece evidente. Calvino não condena a riqueza, mas gostaria que se tivesse dela um uso moderado e que ela permitisse aliviar os pobres. Ele aceita o empréstimo a juro, mas gostaria que se emprestasse gratuitamente aos pobres: isso não é muito capitalista!

Diversos grandes países capitalistas foram influenciados pelo calvinismo. Mas, na Holanda, são os calvinistas mais distantes de Calvino (os arminianos) que desenvolvem o comércio. Na Inglaterra, os verdadeiros calvinistas são os puritanos, e nenhum capitalista é puritano. Na França, o calvinismo não triunfou. O ponto comum entre estes países é antes o fato que eles se voltaram para o oceano Atlântico e que eles lucram pela transferência da economia do Mediterrâneo para o Atlântico. Portugal, politicamente muito frágil, não o pode fazer, e a Espanha atravessa uma crise econômica muito grave para lucrar plenamente. As circunstâncias políticas e econômicas tiveram, a meu ver, um papel mais preponderante do que as razões religiosas.

IHU On-Line - Qual é a atualidade de Calvino 500 anos após seu nascimento?

Yves Krumenacker - Calvino foi em parte esquecido pelos calvinistas durante diversos séculos. Sua teologia, em particular, a predestinação, foi muito criticada, mesmo pelos protestantes. Redescobre-se hoje um homem talvez excessivo em suas ideias, que acreditava ser um profeta, mas que tinha um grande sentido da glória de Deus e de sua majestade, um homem que não podia aceitar superstições, ou seja, segundo ele, cultivar as falsas imagens de Deus e o falso culto prestado a Deus. Isso o levou a romper com Roma, mas isso era para ele necessário caso quisesse prestar um culto puro a Deus. Esta orientação de todo o seu ser para Deus, este cuidado exclusivo de Deus ainda pode, sem dúvida, falar aos cristãos de hoje, embora as épocas sejam muito diferentes.

A teologia política de Calvino

Teologia calvinista buscava estruturar uma comunidade política em Genebra. Religião e política andavam lado a lado, o que era compreensível para aquela época, diz Volker Leppin

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Manter conexas política e religião era a forma de cumprir a vontade de Deus, pensava Calvino. Evidentemente, isso “não corresponde as nossas concepções modernas de liberdade, mas era totalmente plausível na passagem da Idade Média ao início da Era Moderna”, explica o teólogo alemão Volker Leppin na entrevista especial que concedeu à IHU On-Line por e-mail. “Calvino acentuou a seriedade da vontade de Deus - isto é manifestamente importante e significativo na pós-modernidade!”, avaliou.

Leppin é graduado em Teologia e Literatura Alemã pelas Universidades de Marburg, Jerusalém e Heidelberg. É PH.D pela Universidade de Heidelberg, e, desde 2000 leciona história da Igreja na Universidade de Jena, na Alemanha, onde é decano da Faculdade de Teologia. Escreveu, entre outros, *Martin Luther* (Darmstadt: Primus Verlag, 2006), *Die christliche Mystik* (München: Beck, 2007), *Das Zeitalter der Reformation. Eine Welt im Übergang* (Darmstadt: Theiss Verlag, 2009) e *Martin Luther: Gestalten des Mittelalters und der Renaissance* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Sob que aspectos a teologia calvinista é uma teoria política?
Volker Leppin - A teologia de Calvino tinha relevância política, em primeiro lugar, porque interessava a Calvino a estruturação de uma comunidade política da cidade de Genebra. Ela deveria corresponder à vontade de Deus. O forte significado da vontade de Deus conduziu, entre os huguenotes da França, a que o pensamento calvinista tenha levado a uma forte oposição contra os soberanos que oprimiam a fé. Um longínquo efeito disso ainda se vê nos desenvolvimentos do século XX, como específica forma de relacionamento calvinista, ou, como gostamos mais de dizer em alemão: teólogos cunhados pela Reforma que fundaram a oposição da Igreja ao nacional-socialismo.

IHU On-Line - De que modo Calvino dialoga com outros pensadores políticos? Quais são suas principais influências?

Volker Leppin - Calvino foi influenciado, principalmente, pelos teóricos

humanistas, mas ele desenvolveu suas reflexões políticas pessoalmente a partir de sua teologia.

IHU On-Line - Num artigo publicado na revista *Cristianità* de março deste ano, Roberto Spataro considera que a organização teocrática proposta por Calvino propunha uma legislação opressora. Qual é o sentido do reformador em manter conexas a política e a religião?

Volker Leppin - Como disse anteriormente, ele pensava que podia cumprir assim a vontade de Deus - e isso não corresponde às nossas concepções modernas de liberdade, mas era totalmente plausível na passagem da Idade Média ao início da Era Moderna.

IHU On-Line - Quais os pontos básicos de sua teoria política que continuam atuais?

Volker Leppin - Calvino inculcou que a fé cristã exige opor-se ao poder estatal se ele ultrapassar os seus limites.

IHU On-Line - Neste mesmo artigo escreve Spataro que não há razões para se festejar os 500 anos do nascimento de Calvino. Ele qualifica o reformador como “triste e solitário, duro e intolerante, orgulhoso, colérico e vingativo”. Como o senhor define a pessoa de João Calvino?

Volker Leppin - Calvino foi um pensador assaz, inteligente e penetrante. Avaliar o seu caráter na forma descrita por Spataro é inadequado, e não considera que em Calvino atuou um teólogo manifestamente íntegro, que - como todos nós - evidentemente também cometeu erros.

IHU On-Line - Como a teologia calvinista pode inspirar o homem atual a buscar Deus e um sentido para sua vida? Neste sentido, qual é a atualidade do legado religioso de Calvino?

Volker Leppin - Calvino acentuou a seriedade da vontade de Deus - isto é manifestamente importante e significativo na pós-modernidade!

A fé reformada e os compromissos existenciais inevitáveis

Reverendo Hermisten da Costa afirma que fé calvinista é mais do que status vazio, e que o homem reformado vive plenamente, partindo da Palavra, cujo alvo final é a glória de Deus. Grandeza humana reside em sua semelhança com Deus

POR MÁRCIA JUNGES

“**N**ossa fé tem compromissos existenciais inevitáveis. Ser reformado não é apenas um status nominal vazio de sentido, antes reflete a nossa fé em atos de formação e transformação”, garante o reverendo Hermisten Maia Pereira da Costa, na entrevista especial que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Ele continua: “Devemos acentuar que Calvino, com sua vida e ensinamentos, contribuiu para forjar um tipo novo de homem: ‘O reformado’, que vive no tempo, a plenitude do seu tempo para a glória de Deus!”. Teologia dessa orientação vê e atua na realidade, partindo da Palavra, almejando a glória de Deus. Conforme o reverendo, “dentro da perspectiva Reformada, a grandeza do homem está no fato de que ele foi criado à imagem de Deus e, mesmo que o pecado tenha obscurecido esta imagem, ele jamais deixou de sê-la, visto que isto implicaria em deixar de ser humano. A imagem de Deus não é algo colado, accidental à existência, antes faz com que sejamos o que somos: seres humanos”.

Graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul, também cursou Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMG, e Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Possui cinco especializações, é mestre e doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - Umesp, com a tese *O Conceito de Escritura Sagrada no Seminário de Princeton e a sua Introdução no Pensamento Protestante Brasileiro*. Cursou pós-doutorado na Universidade Presbiteriana Mackenzie e é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, além de lecionar no departamento de Teologia do Seminário Presbiteriano Reverendo José Manoel da Conceição, em São Paulo. Escreveu, entre outros, *Calvino de A a Z* (São Paulo: Editora Vida, 2006), *Fundamentos da Teologia Reformada* (São Paulo: Mundo Cristão, 2007) e *A Inspiração e Inerrância das Escrituras* (2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que diferencia a empreitada de Calvino e Lutero de “purificar” o cristianismo?

Hermisten Maia Pereira da Costa - Só há Reforma quando há necessidade objetiva ou subjetiva. A busca por purificar a Igreja encontrou em Lutero a eficácia antes não encontrada por diversas razões políticas, sociais, econômicas e, principalmente, pela força repressiva da Igreja romana. Lutero e Calvino, cada um ao seu modo, em contextos diferentes, esforçaram-se por fazer a Igreja voltar às suas origens bíblicas. Na realidade, Lutero iniciou o processo em 1517. Calvino, quando aderiu à fé protestante (em 1532-1534), o movimento reformista já havia se expandido pela Europa.

Calvino faz parte de uma segunda geração que, dentro do mesmo propósito de Lutero, pôde consolidar a Reforma por meio de um trabalho constante e sistemático de expor as Escrituras e escrever e ampliar a sua obra magna, *As Instituições da Religião Cristã* forneceu a base para todo o desenvolvimento do pensamento reformado.

A Reforma, proposta por ambos, em que pese a motivação primária e intensamente religiosa, atingiu todas as esferas da realidade, buscando uma coerência prática com a nossa percepção oriunda da Escritura. Infelizmente, Lutero e Calvino não se conheceram pessoalmente. O doce e pacífico Melancthon, amigo de Lutero e correspondente de Calvino nem sempre

foi bem compreendido. O seu principal trabalho teológico *Loci Communes* (1521), quando foi traduzido para o francês (1546), recebeu o prefácio de Calvino.

Calvino tinha muito respeito por Lutero. Na única carta que lhe escreveu (25/01/1545), a qual este, ao que parece, jamais recebeu, Calvino se dirige a Lutero como “*meu respeitadíssimo pai*”, “*respeitadíssimo pai no Senhor*” e “*meu pai sempre honorável*”. A Reforma não foi um movimento no âmbito apenas da moral, antes forneceu um novo quadro de referência por meio do qual todas as áreas de nossa vida devem ser pautadas pela Escritura. Isto foi e continua sendo revolucionário e purificador em qualquer sociedade.

IHU On-Line - Quais são os maiores méritos dessa teologia protestante reformada?

Hermisten Maia Pereira da Costa - A grande relevância da Teologia Reformada continua sendo sua volta à Escritura, a qual revela de forma verbal definitiva Jesus Cristo, o Senhor Eterno. A partir deste retorno, a constante busca por interpretar a realidade e agir de forma coerente com esta perspectiva. Portanto, podemos dizer que o calvinismo *prima* não simplesmente pela preocupação teológica - o que sem dúvida é fundamental -, mas sim pela obediência incondicional ao Deus da Palavra. Assim, dentro desse princípio fundamental, podemos dizer que a teologia Reformada enfatiza, entre tantas outras coisas, que:

1) O fundamento de nossa relação com Deus está no Pacto da Graça por meio do qual Deus “livremente oferece aos pecadores a vida e a salvação através de Jesus Cristo....”. (*Confissão de Westminster*, VII.3).

2) A salvação por Graça unicamente em Jesus Cristo; o Deus encarnado: Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem.

3) A suficiência do sacrifício de Cristo para salvar completa e totalmente o povo de Deus.

4) A fé como a boa obra do Espírito em nós que nos capacita a responder positivamente ao chamado de Deus.

5) A Palavra de Deus, e somente Ela é a autoridade final de todo o nosso pensar, crer, agir e sentir.

6) A inerrância e infalibilidade das Escrituras como princípios teóricos e práticos que norteiam a nossa perspectiva da realidade em todas as suas dimensões: religiosa, social, política, econômica, ética, profissional, familiar etc. Portanto, uma ética comprometida com as Escrituras.

7) O Culto a Deus como meta e razão de ser da Igreja, que se manifesta em consonância com a Palavra, em santo temor e sincera gratidão para com Deus.

8) Um compromisso com o real a partir da fé em Cristo, gerada em nós pelo Espírito.

9) A aceitação incondicional da

Majestade de Deus e do Senhorio de Cristo em todas as coisas a começar de nossa salvação definitiva.

10) A compreensão de que a Igreja de Deus não é um conjunto de pessoas individuais, mas é o corpo de Cristo, o povo constituído por Deus por intermédio do Seu Espírito, para cultuá-Lo, viver a Sua Palavra e proclamar a Sua salvação em Cristo.

11) O zelo pela pregação fiel da Palavra, administração correta dos Sacramentos e o exercício fiel da disciplina.

12) Oração sincera e submissa. Calvino entendia que “com a oração, encontramos e desenterramos os tesouros que se mostram e descobrem a nossa fé pelo Evangelho” e, que “a oração é um dever compulsório de todos os dias e de todos os momentos

“Lutero e Calvino, cada um ao seu modo, em contextos diferentes, esforçaram-se por fazer a Igreja voltar às suas origens bíblicas”

de nossa vida”, e: “Os crentes genuínos, quando confiam em Deus, não se tornam, por essa conta, negligentes à oração”. Portanto, este tesouro não pode ser negligenciado como se “enterrado e oculto no solo!”. “Agora, quanto é necessário, e de quantas maneiras o exercício da oração é útil para nós, não se pode explicar satisfatoriamente com palavras”. Aqui está o segredo da Palavra de Deus, segundo a percepção de Calvino: Estudo humilde e oração, atitudes que se revelam em nossa obediência a Cristo.

13) A Glória de Deus como alvo supremo de todas as coisas (1Co 10.31). “Não busquemos nossos próprios interesses, mas antes aquilo que compraz ao Senhor e contribui para promover sua glória” (Calvino).

IHU On-Line - Quais são as fontes de sua teologia? E como essa teologia calvinista inspira hoje outras teologias de orientação protestante?

Hermisten Maia Pereira da Costa - A Reforma jamais rejeitou os credos. Ela se valeu dos principais credos da Igreja. Aliás, é importante ressaltar que a Reforma foi levada a efeito por católicos piedosos. Lutero, por exemplo, se constitui num exemplo eloquente. A Reforma, partindo das Escrituras como única autoridade infalível, passou a examinar todas as contribuições históricas, tentando estabelecer o que considerava ser a interpretação correta das Escrituras. A Reforma, sem dúvida, foi um movimento com forte tonalidade hermenêutica.

A teologia calvinista continua com grande vitalidade na Europa e nos Estados Unidos. Ela tem sido descoberta aos poucos no Brasil. Aqui, conhece-se pouco da tradição Reformada. Faz-se uma caricatura que acentua, muitas vezes, pontos equivocados. O pensamento Reformado mantém a sua vitalidade porque entende que ele não é nem pode ser “arquetípico”, antes é uma reflexão sistematizada das Escrituras. A fonte é a Palavra. Ele se alimenta e oxigena na exegese bíblica. Creio que aí está seu vigor e poder de influenciar a sociedade de maneira intensa. O pensamento Reformado não se restringe a cinco pontos, como alguns pensam; diria: nem a mil. A teologia calvinista é uma forma de ver e atuar na realidade partindo da Palavra tendo como alvo final a glória de Deus.

IHU On-Line - Sob quais aspectos a teologia calvinista pode oferecer pistas para a autocompreensão do sujeito frente ao sentido de sua vida?

Hermisten Maia Pereira da Costa - A teologia Reformada sustenta que o homem não consegue ter uma visão correta de si por si mesmo. Ele precisa conhecer a Deus. Somente Deus pode nos dar uma visão adequada daquilo que somos e do que poderemos ser por Sua graça. Dentro da perspectiva Reformada, a grandeza do homem está no fato de que ele foi criado à imagem de Deus e, mesmo que o pecado tenha

obscurecido esta imagem, ele jamais deixou de sê-la, visto que isto implicaria em deixar de ser humano. A imagem de Deus não é algo colado, acidental à existência, antes faz com que sejamos o que somos: seres humanos. Portanto, a essência do homem não pode ser simplesmente determinada em si e por si; é preciso uma dimensão verdadeiramente teológica para que possamos entender melhor o que somos. A genuína antropologia deve ser sempre e incondicionalmente teocêntrica! Conhecer a Deus é viver.

IHU On-Line - Por que Calvino é considerado o iniciador de uma era? Qual é o seu grande legado ao cristianismo?

Hermisten Maia Pereira da Costa - O vigor da influência de Calvino está no conjunto de seu pensamento, amparado na Escritura. A filosofia calvinista, como todo e qualquer sistema de pensamento e valores, não é neutra. Antes, parte da própria Escritura tendo como pressuposto a suficiência da Revelação para a interpretação e análise de toda realidade. Nesta tarefa, ela luta contra os ídolos do pensamento que surgem em cada cultura e em todas as épocas. Um ídolo chama outro ídolo, tendo sempre como ponto de partida o desejo humano de autossuficiência. Contrariamente, o pensamento calvinista reafirma como ponto de partida o Deus soberano e transcendente que Se revela na Escritura e que somente a partir desta compreensão podemos compreender a chamada realidade e atuar de forma criativa para a glória de Deus e o bem-estar da humanidade. A convicção da direção de Deus sobre a história e sobre a nossa vida em particular não se opõe à oração, à vida devocional. Desta forma, o calvinismo tem uma fé que, por graça, ultrapassa em muito os limites de nossa racionalidade, mas, também, é uma fé operante que crê que nós somos os instrumentos ordinários de Deus para construir, transformar e aperfeiçoar a cultura.

O estudioso inglês Tawney (1880-1962) observa que “o calvinismo foi uma força ativa e radical. Era um credo que buscava não meramente purificar o indivíduo, mas reconstruir a Igreja

“A Reforma não foi um movimento no âmbito apenas da moral, antes forneceu um novo quadro de referência por meio do qual todas as áreas de nossa vida devem ser pautadas pela Escritura. Isto foi e continua sendo revolucionário e purificador em qualquer sociedade”

ja e o Estado, e renovar a sociedade permeando todos os setores da vida, tanto públicos como privados, com a influência da religião”.

Compromissos existenciais inevitáveis

O Cristianismo não é uma forma de acomodação na cultura, antes de formação e de transformação por meio de uma mudança de perspectiva da realidade, que redundará necessariamente numa mudança nos cânones de comportamento, alterando sensivelmente as suas agendas e praxes. Assim sendo, a nossa fé tem compromissos existenciais inevitáveis. Ser Reformado não é apenas um status nominal vazio de sentido, antes reflete a nossa fé em atos de formação e transformação.

O calvinismo fornece-nos óculos cujas lentes têm o senso da soberania de Deus como perspectiva indispensável e necessária para ver, interpretar e atuar na realidade, fortalecendo, modificando ou transformando-a, conforme a necessidade. Isso tudo num esforço constante de atender ao chamado de Deus a viver dignamente o Evangelho no mundo.

No entanto, mesmo com toda essa influência, o calvinismo não moldou a cultura ocidental somente por meio de ideias, mas, principalmente, por meio de seus ideais que fizeram com que homens fiéis morressem pelo testemunho de sua fé. “Os protestantes franceses, ao serem levados para a prisão ou para a fogueira, cantavam salmos com tanta veemência que foi proibido por lei cantar salmos, e aqueles que persistiam tinham sua língua cortada. O salmo 68 era a Marselhesa huguenote” (Leith).

Na França, em diversas ocasiões, os protestantes foram atacados enquanto prestavam culto a Deus, orando, lendo a Palavra e cantando salmos. Depois de narrar algumas dessas perseguições, Baird constata: “A Liturgia do protestantismo francês foi banhada com o sangue de seus mártires”.

Do mesmo, no Brasil, quando os calvinistas franceses Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon e André Lafon¹ não negaram a sua fé diante de Nicolas Durand de Villegaignon² (1510-1571), foram presos. Jean Crespín registra: “Entretanto, os condenados consolavam-se e regozijavam-se em suas cadeias, orando e cantando, com extraordinário fervor, salmos e louvores a Deus”.

Na manhã de sexta-feira, 9 de fevereiro de 1558, quando Jean du Bourdel, o autor da *Confissão de Fé*, ia sendo conduzido ao rochedo para ser executado, acompanhado por Villegaignon e seu pajem, narra Crespín: “ao passar junto da prisão em que estavam os seus companheiros, gritou-lhes em alta voz que tivessem coragem, pois iam ser logo libertados desta vida miserável. E, caminhando para a morte, entoava salmos e louvores a

¹ Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon e André Lafon: redatores da Confissão de Fé da Guanabara, primeiro escrito protestante do Brasil e de toda a América, em 17 de janeiro de 1558. O documento foi escrito em cerca de doze horas, numa prisão da ilha de Serigipe, atual Ilha de Villegaignon. Após a sua finalização, os seus autores foram executados. (Nota da IHU On-Line)

² Nicolas Durand de Villegaignon (1510-1571): cavaleiro da Ordem de Malta e diplomata que, como oficial naval francês, alcançou a distinção de Vice-almirante da Bretanha. Notabilizou-se, entre outros feitos, pela fundação de um estabelecimento colonial francês na costa do Brasil, conhecido como França Antártica. (Nota da IHU On-Line)

Deus, o que causava grande espanto a Villegaignon e ao carrasco”.

Como nos adverte Kuyper, “[a] vida que o Calvinismo tem pleiteado e tem selado, não com lápis e pincel no *estúdio*, mas com seu melhor sangue na estaca e no campo de batalha”. A força prática da teologia reformada não está simplesmente em seu vigor e capacidade de influenciar intelectualmente os homens, mas no que tem produzido na vida de milhões de pessoas, conduzindo-as, em submissão ao Espírito, à fidelidade bíblica e a uma ética que se paute pelas Escrituras. A grande contribuição do calvinismo não se restringe aos manuais das mais variadas áreas do saber, mas, estende-se à integridade da vida dos discípulos de Cristo que seguem esta perspectiva.

IHU On-Line - Como a erudição e a piedade se relacionam em seu pensamento?

Hermisten Maia Pereira da Costa - Calvinho era um intelectual; todavia não usava do púlpito ou de seus escritos para ostentar isso, pelo contrário, é frequente a sua preocupação com a simplicidade e em não tentar ultrapassar o revelado por intermédio de especulações pecaminosas: A Palavra é a “Escola do Espírito”; é por meio dela que Deus nos fala. E Deus nos fala objetivando a nossa edificação.

Para Calvinho, o conhecimento de Deus está associado à verdadeira piedade, que ele define como “reverência associada com amor de Deus que o conhecimento de Seus benefícios nos faculta”. E: “.... zelo puro e verdadeiro que ama a Deus totalmente como Pai, o reverencia verdadeiramente como Senhor, abraça a sua justiça e teme ofendê-lo mais do que a própria morte.” Ele então pergunta: “Quê ajuda, afinal, conhecer a um Deus com Quem nada tenhamos a ver?”. A sua resposta é simples: O conhecimento de Deus deve valer-nos, “primeiro, que nos induza ao temor e à reverência; em segundo lugar, tendo-o por guia e mestre, que aprendamos a dEle buscar todo bem e, em recebendo-o, a Ele creditá-lo”. A piedade não pode estar dissociada da fé que confessa que

Deus é o autor de todo o bem. Portanto podemos nEle descansar sendo conduzidos pela Sua Palavra.

Deve ser enfatizado que Calvinho usou como ninguém de todas as ferramentas então acessíveis para uma boa exegese, dispondo o seu material de forma clara, lógica e simples, sendo chamado, não sem razão, de o “príncipe dos expositores”. Em sua interpretação bíblica Calvinho combinou de forma harmoniosa a análise filológica com a teológica, associando tudo isso a um pensamento construtivo que fez com que a sua teologia tivesse seus próprios fundamentos na Palavra de Deus. Ele foi de fato o exegeta por excelência da Reforma, sustentando que a Escritura é a melhor intérprete de si mesma. A erudição, portanto, deve ter em vista a edificação do povo de Deus com o objetivo de que este, instruído na Palavra, possa glorificar ao seu Senhor.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Hermisten Maia Pereira da Costa - O pensamento e a obra de Calvinho nunca foram amplamente difundidos no Brasil. Quando os primeiros missionários presbiterianos aqui chegaram, a partir de 1855, eles não conheciam bem a obra de Calvinho. A formação que tiveram (Fletcher e Simonton³) foi no Seminário de Princeton (fundado em 1812) que estudava a obra do grande teólogo Reformado Francis Turretin.⁴ Charles Hodge⁵ (1797-1878), então professor de Teologia Sistemática, elaborava a sua obra de Teologia Sistemática. Enquanto isso, ensinava, conforme aprendera, sob a égide do pensamento de Turretin, o grande representante escolástico da Teologia Reformada, do mesmo modo que Johann Gerhard (1582-1637), tido como um dos maiores teólogos luteranos da

ortodoxia. De modo muito interessante Spener chama Gerhard de “piedoso teólogo”.

Recebemos Calvinho sempre de segunda mão. Isto é apenas uma constatação. As suas obras começaram a ser traduzidas para o português em 1985. Ele começou a ser entendido a partir do início da tradução de seus comentários (1995). A sua obra começou a ser lida sistematicamente nos seminários de minha igreja, a Igreja Presbiteriana do Brasil, somente a partir de 1984. Ainda hoje, poucos seminários de minha denominação o lêem de forma sistemática.

O homem reformado

Hoje temos em nossa língua edições diferentes das *Institutas*, alguns de seus comentários bíblicos, catecismo e, recentemente foi lançada uma edição com algumas de suas cartas e saiu também, no mês passado, outubro, a primeira edição dos seus sermões do capítulo primeiro de Efésios. Muito desse trabalho é feito de forma abnegada e diletante por pessoas quase anônimas que, num ato heróico, propõem-se a este trabalho. Deus tem sido generoso conosco.

Devemos acentuar que Calvinho, com sua vida e ensinamentos, contribuiu para forjar um tipo novo de homem: “O reformado” que vive no tempo, a plenitude do seu tempo para a glória de Deus! Portanto, como disse Barth:⁶ “O verdadeiro discípulo de Calvinho só tem um caminho a seguir: não obedecer ao próprio Calvinho, mas Àquele que era o mestre de Calvinho”.

Ser Reformado significa um apego irrestrito ao Deus da Palavra que nos instrui e nos capacita a viver para a Sua Glória, desempenhando o nosso papel na sociedade, seja em que nível for, apresentando o fruto de nosso labor como uma oferenda a Deus que nos criou e nos sustenta. Este é o cristianismo que buscamos praticar. Glória, somente a Deus.

³ Ashbel Green Simonton (1833-1867): pastor presbiteriano e missionário estadunidense, fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Francisco Turretini (1623-1687): teólogo protestante italiano. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Charles Hodge: um dos maiores expoentes e defensores do Calvinismo histórico nos Estados Unidos durante o século XIX. Ele define a teologia como uma apresentação dos fatos da Bíblia, dando ênfase na ordem dos mesmos e em suas relações. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Karl Barth (1886-1968): teólogo cristão-protestante, pastor da Igreja Reformada, e um dos líderes da teologia dialética e da neo-ortodoxia protestante. (Nota da IHU On-Line)

“A Reforma, sem dúvida, foi um movimento com forte tonalidade hermenêutica”

Essência do homem não pode ser simplesmente determinada em si e por si, defende Risto Saarinen. “É preciso uma dimensão verdadeiramente teológica para que possamos entender melhor o que somos”, completa

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

A Igreja não deveria ser dirigida por bispos, mas por todos bons cristãos. Essa ideia de Calvino trilhou o caminho para a criação das estruturas democráticas, explicou o teólogo e filósofo finlandês Risto Saarinen. Em sua opinião, a herança mais importante do calvinismo é o binômio educação e direitos civis, cujo esteio é a liberdade de consciência. As declarações podem ser conferidas, na íntegra, na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à IHU On-Line.

Saarinen é professor de Teologia Ecumênica no Departamento de Teologia Sistemática na Universidade de Helsinki. É teólogo e filósofo por essa instituição e ordenado pastor pela Igreja Evangélica Luterana em 1985. Entre outros, escreveu *Moral Philosophy on the Threshold of Modernity* (Dordrecht: Synthese Historical Library, 2005) e *Keskiajan filosofia, toim* (Helsinki: Gaudeamus 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como podemos compreender o pensamento político-religioso de Calvino?

Risto Saarinen - A melhor maneira é simplesmente ler as *Institutas* de Calvino. Esta obra ainda é muito boa de ler. Boas biografias como a de Alister McGrath¹ também ajudam. Os estudos clássicos de Max Weber sobre a ética protestante também podem ser recomendados.

IHU On-Line - De que forma essas ideias serviram como esteio ao pensamento moderno?

Risto Saarinen - A ideia de Calvino de que a Igreja não deveria ser dirigida por bispos, mas por todos os bons cristãos,

preparou o caminho para estruturas democráticas. A Reforma também forneceu uma “valorização da vida comum”, isto é, não só as vocações eclesiais, mas também a vida na família e no local de trabalho deveria ser vista como cumprimento dos propósitos de Deus. Calvino também propagou a “liberdade de consciência”, uma ideia que constituiu o fundamento dos direitos humanos modernos.

IHU On-Line - Em que medida tais concepções foram decisivas para a formação de países como a Inglaterra, Escócia e Estados Unidos?

Risto Saarinen - Esses países desenvolveram um forte sistema parlamentar de governo. Eles também estiveram entre os primeiros a dar liberdade de consciência e liberdade de expressão a seus cidadãos.

IHU On-Line - O que destacaria como mais importante sobre a ética na teologia de Calvino e na teologia de Lutero?

Risto Saarinen - Tanto Lutero quanto Calvino acentuaram a importância da educação em escolas e universidades. Sua concepção um tanto pessimista do pecado na natureza humana tornou ne-

cessário pensar que instituições educacionais precisam ser oferecidas para que as pessoas possam levar uma vida decente. Desta maneira, a educação e o conhecimento formavam a base importante da ética e da vida boa.

IHU On-Line - Qual é o maior legado de Calvino ao cristianismo no século XXI?

Risto Saarinen - Acredito que a educação e os direitos civis são, ainda hoje, a mais importante herança do calvinismo.

IHU On-Line - A teologia calvinista pode sedimentar o diálogo inter-religioso? Em que aspectos?

Risto Saarinen - Muitas confissões calvinistas ensinam que Deus deu “dois livros” à humanidade: a Bíblia e o Livro da Natureza/Criação. O Livro da Natureza está aberto para todas as religiões. O estudo intensivo da natureza, que é tão básico para o surgimento da ciência moderna, tinha uma motivação religiosa. Atualmente, religiões diferentes podem, em minha opinião, ter uma concepção comum desse “livro da natureza” e estudar em que sentido elas podem valorizar o meio ambiente biológico vulnerável como algo que Deus deu a todos os seres humanos.

¹ Alister McGrath (1953): professor de teologia histórica da Universidade de Oxford e pesquisador sênior do Harris Manchester College. Ex-ateu, é pós-doutor em biofísica molecular e doutor em teologia por Oxford. Seu interesse principal se concentra na história do pensamento cristão, com ênfase particular na relação entre as ciências naturais e a fé cristã. Considerado um dos mais influentes pensadores cristãos da atualidade, concedeu à revista IHU On-Line 245, de 26-11-2007, *O novo ateísmo em discussão*, a entrevista intitulada “Em vez de reduzir a influência do fundamentalismo, Dawkins está piorando as coisas”, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=838. (Nota da IHU On-Line)



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



Brasil em Foco

O papel das Forças Armadas no Brasil e na América Latina

Os militares brasileiros abraçaram junto com a elite civil um projeto de desenvolvimento que é industrial, de alta tecnologia, e, até hoje, isso é muito forte, defende Maria Celina Soares D'Araujo

POR GRAZIELA WOLFART

Quem já não ouviu alguém em uma roda de conversa defendendo a opinião de que os militares deveriam ganhar as ruas para fazer a segurança que é de responsabilidade da polícia? Pois, segundo a professora da PUC-Rio, Maria Celina Soares D'Araujo, “as pesquisas indicam que a população quer as Forças Armadas atuando contra a violência. Mas os dirigentes e comandantes das mesmas não querem fazer isso, porque sabem que causará um impacto muito grande para a instituição”. Na entrevista que concedeu à **IHU On-Line**, por telefone, a socióloga explica que “a função do militar não é combater bandido. As Forças Armadas devem estar preparadas caso possa haver uma eventualidade de uma ameaça, de uma guerra, para dissuadir-na. Não é nem para atacar”. E continua: “temos, no Brasil, uma experiência de envolver as Forças Armadas no combate político. E isso é um problema até hoje. É um estigma que ficou para as Forças Armadas”.

Doutora e mestre em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ, Maria Celina é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente, é professora de graduação e pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Foi pesquisadora e professora titular do Cpdoc/Fundação Getúlio Vargas - RJ, professora da Universidade Federal Fluminense e professora visitante em algumas universidades do Brasil e do exterior. Tem trabalhado nas seguintes áreas de pesquisa: militares e defesa, sindicatos, partidos políticos, Era Vargas, autoritarismo na América Latina, Justiça militar, elites e carreiras do Poder Executivo, democracia e novos direitos. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o papel social e policial das Forças Armadas no Brasil hoje e qual deveria ser esse papel?

Maria Celina D'Araujo - O seu papel policial existe em situações excepcionais. Há um artigo na Constituição Federal que fala que as Forças Armadas, quando requisitadas por um dos poderes da República, podem atuar na garantia da lei e da ordem. Isso é uma atividade excepcional. O que se discute hoje é se devemos ou não ampliar essa atividade policial. O argumento para isso é de que as polícias são muito ineficientes, a violência é muito grande, e as Forças Armadas podem dar essa contribuição. Isso, do meu ponto de vista,

é um equívoco. Porque, se a polícia é ineficiente, se ela é mal organizada ou se não tem as condições para administrar a questão da violência, temos que melhorá-la. Não é trazendo outra instituição para tapar o buraco que se resolve o problema. Este é o debate. Há uma parte do parlamento, do governo, que quer envolver mais as Forças Armadas na atividade da polícia, e há uma parte da academia que também quer isso. No entanto, há uma parte que não, que pensa que devemos aprofundar, melhorar, requalificar os sistemas de segurança pública no Brasil: a polícia civil, a polícia militar, a polícia comunitária, as guardas municipais,

enfim, fortalecer as instituições que têm por função específica essa atividade. As Forças Armadas têm a função constitucional de defesa do Estado. Não é de fazer segurança nas ruas. É defender o Estado em caso de ameaça que, felizmente, é remota no Brasil. Além disso, elas, constitucionalmente, no Brasil e em todo mundo, têm funções humanitárias. Em caso de catástrofes, elas são imediatamente acionadas para ajudar os poderes dos países, ajudar a sociedade em casos de terremotos, de enchentes, de epidemias. Há uma série de atividades humanitárias quando a sociedade está em risco que as Forças Armadas são chama-

das a atuar, bem como em missões de paz. Ou seja, há funções sociais previstas, mas para esses casos excepcionais.

IHU On-Line - Quais as consequências de o governo delegar para as Forças Armadas o papel da polícia?

Maria Celina D'Araujo - O que sabemos pelo mundo afora é que isso não costuma dar muito certo. Temos, no Brasil, uma experiência de envolver as Forças Armadas no combate político. Isso é um problema até hoje, pois ficou um estigma para elas. E há vários países que as envolveram não só no combate político, mas também no narcotráfico. A Bolívia, o Paraguai, a Venezuela, a Colômbia, o México, enfim, nossos vizinhos têm uma experiência nesse sentido, de dar para as Forças Armadas papel de polícia. Isso tem problemas sérios, porque, na medida em que colocamos o militar em contato com o traficante, tende a haver uma contaminação e a facilidade de se corromper. A corrupção e as alianças com o narcotráfico na América Latina são muito fortes. Como as da polícia no Brasil, no caso de alguns policiais. A função do militar não é combater bandido. As Forças Armadas devem estar preparadas caso possa haver uma eventualidade de uma ameaça, de uma guerra, para dissuadirem-na. Não é nem para atacar.

IHU On-Line - Qual a visão que a sociedade civil tem das Forças Armadas?

Maria Celina D'Araujo - Temos uma situação bastante singular aqui. As pesquisas¹ indicam que a população quer as Forças Armadas atuando contra a violência. Mas os dirigentes e comandantes não querem fazer isso, porque sabem que causará um impacto muito grande para a instituição. Mas as pesquisas indicam que a população quer isso, porque ela quer segurança. Não interessa quem vai fazer, se é a guarda municipal, civil, estadual, federal. Ela é a favor que haja mais gente cuidando disso.

¹ Sobre o tema há uma enquete no ar no site do IHU (www.ihu.unisinos.br), onde a maioria dos internautas acha que as Forças Armadas não devem ter poder de polícia. (Nota da IHU On-Line)

“No caso do Brasil, o enlace dos militares com as questões econômicas é muito forte. Os militares brasileiros tiveram muita preocupação com armamentos, com indústria nacional de armamento, da defesa, e para isso é preciso industrialização, é preciso pesquisa, é preciso ter uma siderurgia, o que aconteceu nos anos 1940”

Os EUA querem que as Forças Armadas no Brasil assumam essa função, como uma força auxiliar dos EUA no combate ao narcotráfico, e há uma pressão muito grande dos EUA nesse sentido. Mas os militares, talvez por isso mesmo, por essa pressão norte-americana, não querem esse papel de combater o narcotráfico.

IHU On-Line - Quais os principais pontos da história da relação dos militares com as questões econômicas, em especial a industrialização, no Brasil e na América Latina?

Maria Celina D'Araujo - No caso do Brasil, o enlace dos militares com as questões econômicas é muito forte. Os militares brasileiros tiveram muita preocupação com armamentos, com indústria nacional de armamento, da defesa, e para isso é preciso

industrialização, é preciso pesquisa, é preciso ter uma siderurgia, o que aconteceu nos anos 1940. E sempre tiveram um engajamento muito forte em atividades científicas, em escolas. As escolas militares são escolas de excelência. Mas isso não é o que ocorre nos países vizinhos, onde os militares têm uma ação econômica mais no sentido social. Os nossos vizinhos militares não têm um projeto de desenvolvimento como o Brasil teve. Os militares brasileiros abraçaram junto com a elite civil um projeto de desenvolvimento que é industrial, de alta tecnologia, e, até hoje, isso é muito forte.

IHU On-Line - Em que sentido as Forças Armadas no Brasil e na América Latina continuam sendo vistas como um recurso instrumental para promover o desenvolvimento e para praticar políticas de bem-estar e de assistência social, mesmo considerando a debilidade política desta instituição?

Maria Celina D'Araujo - O que acontece hoje na América do Sul é uma instrumentalização das Forças Armadas no sentido de usá-las como um recurso para políticas sociais, como saúde, educação, infraestrutura, construção de casas, distribuição de alimentos etc. Isso na Venezuela é muito forte, assim como no Peru e no Equador. Cada país tem autonomia e soberania para seguir suas metas e dar a definição que quiser às Forças Armadas. E, nos países citados, elas são como que um braço do governo para auxiliar nas políticas sociais e de distribuição de renda. Isso é delicado, porque é um envolvimento muito grande em questões de governo, e, portanto, uma possibilidade muito grande de partidarização das Forças Armadas, e isso é um risco. Imagino que isso crie certas debilidades. Por outro lado, cada sociedade adapta suas Forças Armadas às suas conveniências. De toda forma, estamos tendo uma situação muito singular na América do Sul, com Forças Armadas mais subordinadas ao poder civil. No entanto, elas possuem um grande protagonismo político e social.

IHU On-Line - O que marca a diferença de postura dos militares da época da ditadura para o regime democrático?

Maria Celina D'Araujo - Há um fato que é o tempo, o Deus Chronos. Acabou a guerra fria e acabou a ideia de que os militares eram a única instituição competente para livrar o país do comunismo, um projeto que deu certo em 1964, de proteger o país contra o comunismo, e a ideia de que as Forças Armadas eram a única instituição com condições de fazer isso. Nem o comunismo era tão grande, nem as Forças Armadas eram a instituição mais apropriada para governar o país. Foi assim que aconteceu. Hoje sabemos que era um conflito ideológico, que havia um projeto político dos militares que queriam, sim, dirigir o país, com o apoio da sociedade, porque militar sozinho não governa se não tiver apoio. Nem militar nem ninguém. O que observamos entre os comandantes militares atuais é uma diferença abissal. Hoje eles têm uma ideia de profissionalismo muito mais forte, e não têm um projeto político, são servidores do Estado e obedecem ao governo democrático de direito e à Constituição. Não se apresentam mais como atores políticos, que podem ter um projeto próprio ou falar em nome de um setor. É uma mudança muito grande e positiva que indica o fortalecimento da democracia no Brasil. As democracias têm como característica a subordinação dos militares ao poder civil e democrático. Isso dá mais segurança ao regime democrático.

IHU On-Line - Qual a influência das Forças Armadas para a construção de uma postura de autoritarismo na América Latina?

Maria Celina D'Araujo - O autoritarismo é uma característica do ser humano, de usar mal sua autoridade. No caso da América do Sul, os militares, desde o século XIX, com o ciclo de independência e a formação de repúblicas, tiveram um papel muito importante, uma preeminência muito grande, um protagonismo funda-

“Não há exército
prestigiado se não
houver uma sociedade
que o prestigie; não há
honra militar se não
houver uma sociedade
que lhe dê honra; e não
há governo militar se não
houver uma sociedade
que acabe dando
consentimento a ele”

mental, e vários líderes militares se transformaram em caudilhos, e não eram expressões democráticas. O autoritarismo é uma característica forte do continente, não só dos militares. Não há exército prestigiado se não houver uma sociedade que o prestigie; não há honra militar se não houver uma sociedade que lhe dê honra; e não há governo militar se não houver uma sociedade que acabe dando consentimento a ele. Não podemos dizer que o autoritarismo vem dos militares. Ele está entre os militares com mais força porque eles são parte da sociedade, são pessoas que nasceram e estudaram numa sociedade X. Eles não vieram de Júpiter ou Saturno. Acabam refletindo projetos políticos, ideais, vícios, valores de cada sociedade. A diferença é que o militar tem arma e o monopólio das armas. Isso faz com que, uma vez chegando ao poder, tenhamos um sistema político anacrônico, que se mantém pela força, embora esses golpes tenham consentimento e haja uma parcela da população que sempre apoie, mas a manutenção desse poder se faz pela força, e os custos são muito grandes para a sociedade e a instituição.

IHU On-Line - Getúlio Vargas teve alguma influência para a constituição

do perfil das Forças Armadas brasileiras?

Maria Celina D'Araujo - Muita, muita. Vargas,² nos anos 1930 e 1940, foi um chefe de governo muito preocupado com a formação de Forças Armadas como instituições nacionais. Isso quer dizer que, até então, o Brasil tinha Forças Armadas muito caracterizadas por chefes locais, por caudilhos locais gaúchos, pernambucanos etc. O que se vai fazer a partir dos anos 1930 com Vargas é criar padrões de avaliação, de carreira, de renovação das escolas, para criar um profissional militar que tivesse um padrão de qualidade de norte a sul e para valorizar a profissão. A valorização do militar no sentido de melhorar os quartéis, dos uniformes terem mais qualidade e um padrão, é o momento mais importante no sentido da formação das Forças Armadas modernas. Só que ainda acabaram muito politizadas, envolvidas com a política. O que hoje não temos mais. Mas Getúlio realmente teve um papel importante nisso tudo e sempre governou com o apoio das Forças Armadas, que sempre foram suas avalistas. E quando não teve esse apoio, em 1945, ele caiu.

² Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio o IHU promoveu o Seminário Nacional A Era Vargas em Questão - 1954-2004, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a Exposição Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios, no Espaço Cultural do IHU. A revista IHU On-Line publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16 de agosto de 2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004* e a edição 112, de 23 de agosto de 2004, chamada *Getúlio*. Na edição 114, de 6 de setembro de 2004, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26 de agosto de 2004 o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU *Ideias Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos *Cadernos IHU Ideias*, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir. Vale destacar o *Caderno IHU em formação* número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. As versões eletrônicas encontram-se disponíveis no site www.ihu.unisinos.br. (Nota da IHU On-Line)

Entrevista da Semana

O mundo do trabalho e o marxismo

Antoine Artous analisa as problemáticas do trabalho em Marx e comenta as releituras marxistas elaboradas por autores consagrados como Rosa Luxemburgo e André Gorz

Antoine Artous é autor de *Marx, l'État et la politique* (Éditions Syllepse, 1999); *Marx et le travail* (Éditions Syllepse, abril 2003) e *Le fétichisme chez Marx* (Éditions Syllepse). Suas principais influências teóricas foram: Merleau Ponty, Jean-Marie Vincent e Etienne Balibar. Ele recebeu, em sua residência, o sociólogo brasileiro Henrique Amorim, em maio deste ano, onde concedeu a entrevista a seguir, publicada com exclusividade pela IHU On-Line. Eles traçam um instigante debate a partir das obras de Marx, *O Capital* e os *Grundrisse*, relacionando-o com autores como André Gorz e Antonio Negri.

Coordenador da coleção *Cahiers de Critique Communiste* e membro do comitê de redação da revista *ContreTemps*, Artous inicia suas respostas afirmando que as leituras de Marx são plurais e situadas na história do marxismo. Talvez, por isso, sugira: “não tem sentido ler Marx para restabelecer a verdade de uma obra que não somente conheceu fortes evoluções de diversas problemáticas, mas da qual os maiores textos - *O Capital* - são inacabados”.

Ao ser questionado sobre a relação entre trabalho imaterial e a produtividade do trabalho face ao trabalho imaterial, ele assinala que “essas categorias fazem aparecer certas confusões atuais”. E explica: “O trabalho produz bens materiais ou serviços, mas o próprio trabalho não pode ser imaterial, ele sempre mobiliza uma força de trabalho no quadro de um processo de produção dado”, e complementa: “No que concerne à categoria de trabalho intelectual e manual, creio ser preciso evitar uma concepção naturalista (os que trabalham com suas mãos ou com sua cabeça), ela visa a divisão entre as tarefas de execução e de concepção”.

Henrique Amorim é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, onde também realizou o mestrado em Sociologia e o doutorado em Ciências Sociais. Fez pesquisa de pós-doutoramento na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) em Paris e na Unicamp. Atualmente, é pesquisador do Departamento de Sociologia da Unicamp. Entre suas obras, citamos *Trabalho Imaterial: Marx e o Debate Contemporâneo* (São Paulo: Annablume, 2009) e *Teoria Social e Reduccionismo Analítico: para uma crítica ao debate sobre a centralidade do trabalho* (Caxias do Sul: Editora da Universidade Estadual de Caxias do Sul, 2006). Amorim concedeu uma entrevista à **IHU On-Line**, publicada nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU em 13-11-2009, intitulada “A relação entre novas tecnologias da informação e a teoria do valor-trabalho” e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27473. Confira a entrevista.

Henrique Amorim - Como pensar Marx nos dias de hoje? É necessário ir além de Marx?

Antoine Artous - As leituras de Marx se tornaram irremediavelmente plurais e, além disso, completamente situadas na história do marxismo. Não tem sentido ler Marx para restabelecer a verdade de uma obra que não

somente conheceu fortes evoluções de diversas problemáticas, mas da qual os maiores textos - *O Capital* - são inacabados. Isso absolutamente não quer dizer que o rigor na leitura não seja necessário - ao contrário, e ainda mais do que no passado, sem dúvida, o dimensionamento das perspectivas e as problematizações são plurais. No

que me diz respeito, minha caminhada tem sido dupla: de uma parte, realizei um retorno crítico à análise do Estado e da política em Marx e no marxismo; e, de outra parte, faço referência aos textos ditos da maturidade (o período de *O Capital*) no que se refere à conceitualização das problemáticas e das categorias. Assim, nos textos ditos da

juventude, encontram-se indicações muito interessantes sobre a especificidade do Estado moderno, mas é preciso articulá-los com a análise das relações de produção capitalistas como uma relação de exploração. Isso não é fazer prova - como economista -, pois *O Capital* não visa fundar uma ciência econômica, mas se apresenta como “crítica da economia política”; isto é, como crítica das categorias de análise e formas de objetividade do social trazidas pelo capital.

Henrique Amorim - Qual é a importância do conceito de fetichismo da mercadoria em Marx? A teoria do fetichismo é um desenvolvimento da teoria da alienação?

Antoine Artous - Existe certamente um elo nas preocupações de análise. Trata-se de dar conta sobre como, nas relações de produção capitalistas, as relações sociais se conectam acima da cabeça dos indivíduos (e, em primeiro lugar, dos assalariados) e aparecem como o movimento da “coisa social” (o capital, o trabalho, a mercadoria...), relações sociais que são “naturalizadas”, consideradas como “naturais”. Em todo caso, a teoria da alienação, caso se queira levá-la a sério, se apoia numa problemática “essencialista”; assim, nos *Manuscritos de 1844*, o jovem Marx faz referência a uma essência humana (do trabalho) que se expressaria sob uma forma alienada no trabalho capitalista. Naturalmente Marx, que conhece Hegel¹, não a considera naturalista, ela se constrói através da história. Isto tem diversas consequências na análise (o trabalho

¹ Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1177963119.41pdf.pdf>. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1213054489.296pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line).

“O ponto de partida das análises de Marx não são dados ‘naturais’ ou ‘técnicos’, mas formas sociais; isto é, formas sociais de objetividade ligadas a relações sociais dadas”

explorado é pensado sob a forma de um trabalho artesanal dominado pelo capital) e nas problemáticas de emancipação: a emancipação é a marcha para uma sociedade transparente, pois acaba permitindo que se realize a essência humana. Ora, fundamentalmente, em *O Capital*, Marx toma outro ponto de partida: a especificidade das relações sociais de produção capitalista e seu efeito sobre o agir e o pensamento dos indivíduos. Neste quadro, a teoria do fetichismo não remete ao que seria uma forma de consciência alienada, mas à opacidade específica produzida pela dominação social da forma valor caracterizada pelas relações de produção capitalistas. Aqui, a concepção da dita “ideologia” é interessante, pois Marx não se refere inicialmente à produção manipulada de idéias pela classe dominante, mas - de certa forma - a um campo de visão imbricado nas relações sociais. É, por exemplo, desta maneira que Marx critica a economia política clássica, sem fazer disso um simples discurso apologético.

Henrique Amorim - Nos anos 1980, os *Grundrisse* de Marx foram revisitados por diversos escritores, como, por exemplo, Jean-Marie Vincent, André Gorz e Antonio Negri. Como pensa a apropriação desta obra?

Antoine Artous - Por razões de traduções, os debates sobre estes textos foram muito tardios na França e, dito isso, eles começaram bem antes dos anos 1980. Assim, desde 1967,

Na formação do pensamento econômico de Karl Marx (Maspero), Ernest Mandel² escrevia: “*Os Grundrisse ou a dialética do tempo de trabalho e do tempo livre*”. Esta concepção sempre me pareceu interessante. O debate de que você fala se refere a passagens - muito marcantes - sobre o futuro da produção capitalista, com o desenvolvimento do maquinismo, da ciência à produção etc.; e, neste quadro, do futuro do trabalho que perde sempre mais o seu caráter de prestação individual. Marx emprega então a fórmula de “general intellect” de que se apropriou Negri³. Creio que convém ser prudente quanto à própria categoria que só aparece uma vez e, aliás, não está presente em certas traduções. Em Negri, ela foi elevada ao nível de conceito fechado, articulado com outras categorias (poder constituinte, multidão...) para inscrever-se numa problemática hoje conhecida: de um lado, o considerável alargamento da categoria de produção, já que, por meio do intelecto geral toda ativida-

² Ernest Ezra Mandel (1923-1995) foi um economista e político judeu-alemão radicado na Bélgica, considerado um dos mais importantes dirigentes trotskistas da segunda metade do século XX. Além disso, foi significativa a sua contribuição teórica ao Marxismo antistalinista. Como economista, especializou-se no estudo das crises cíclicas. Também era conhecido como Ernest Germain, Pierre Gousset, Henri Vallin, Walter, etc. (Nota da IHU On-Line).

³ Antonio Negri (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência, foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 2000, publica o livro-manifesto *Império* (5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003), com Michael Hardt. Atualmente, após a suspensão de todas as acusações contra ele, definitivamente liberado, ele vive entre Paris e Veneza, escreve para revistas e jornais do mundo inteiro e publicou *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005), também com Michael Hardt. Sobre essa obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da IHU On-Line, de 29-11-2004. O livro é uma espécie de continuidade da obra anterior da dupla, *Império*. Ele foi apresentado na primeira edição do evento Abrindo o Livro, promovido pelo IHU, em abril de 2003. Acaba de ser lançado o livro *Commonwealth* (Comunidade), pela Harvard University Press, dos pesquisadores Michael Hardt e Antonio Negri, que completa a trilogia sobre a globalização, iniciada com *Império* e *Multidão*.

Em 2003, Negri esteve na América do Sul (Brasil e Argentina) em sua primeira viagem internacional após décadas entre o cárcere e o exílio. (Nota da IHU On-Line)

de participa da produção; e, de outro lado, um novo quadro de expressão de uma problemática “espontaneísta”, já que, sempre graças ao general intellect, a consciência - comunista - é imanente às mobilizações da multidão. Em Jean-Marie Vincent, a referência ao general intellect é bem mais razoável e visa essencialmente sublinhar as contradições em curso na evolução da produção capitalista moderna que, de um lado é obrigada a pôr em obra formas de inteligência coletiva no processo de produção de conjunto, introduzindo novas formas de segmentação e de hierarquização. Nessa época, como ele mesmo dirá mais tarde, Gorz⁴ conhece mal as análises de Vincent; notadamente, esta obra maior que é *Crítica do trabalho* (PUF), publicada em 1987. Contrariamente, ele critica de maneira muito forte (e com fórmulas corretas) as análises de Negri e a transparência do processo de produção que elas supõem. Ela funciona de certa maneira como um jogo de espelho: Gorz explica que toda forma de controle coletivo da produção moderna se tornou impossível, a não ser para desenvolver problemáticas um pouco “delirantes”, como as de Negri. Num segundo tempo, como ele mesmo o explica, ele retoma a temática do *general intellect* de maneira, segundo ele, próxima de Vincent. Erradamente, a meu ver, pois, além do fato de que ele considera sempre que é impossível desenvolver formas de con-

4 André Gorz (1923-2007): filósofo austríaco. Escreveu inúmeros livros, vários deles traduzidos para o português, entre eles *Adeus ao proletariado* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982), *Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica* (São Paulo: Annablume, 2003) e *Misérias do Presente, Riqueza do Possível* (São Paulo: Annablume, 2004). Realizamos uma entrevista com André Gorz, publicada parcialmente na 129ª edição da revista *IHU On-Line*, de 02-01-2005, e na íntegra no número 31 dos Cadernos IHU ideias, com o título *A crise e o êxodo da sociedade salarial*, disponível para download em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1158331399.05pdf.pdf>. Sobre André Gorz também pode ser lido o texto *Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz*, de autoria de André Langer, pesquisador do Cepat. O texto está publicado nos Cadernos IHU n.º 5, de 2004. O site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU deu ampla repercussão à morte de Gorz. Para acessar o material, acesse as Notícias do Dia. (Nota da IHU On-Line)

“Para Gorz, racionalidade econômica é sinônimo de racionalidade capitalista”

trole da produção para simplesmente propor alternativas à margem, ele se põe a explicar que a inteligência que se desenvolveu na produção, o desenvolvimento do capitalismo cognitivo - torna caduca a teoria do valor.

Henrique Amorim - A teoria do valor-trabalho continua analiticamente válida face às novas formas de trabalho, face às novas tecnologias da informação? Como pensa as questões colocadas à teoria do valor pelos teóricos do capitalismo cognitivo?

Antoine Artous - Pode-se continuar com Gorz. Segundo ele, a forte redução do “tempo de trabalho imediato necessário à produção da riqueza”, para retomar uma fórmula de Marx nos *Grundrisse*, tornaria impossível a medida do tempo de trabalho sobre o qual repousa o valor (Gorz tem fórmulas mais ou menos avançadas, mas esta é exatamente sua problemática). Seria preciso retornar mais em detalhe aos dados empíricos e às extrapolações feitas. Para permanecer no plano geral, para Gorz tudo se passa, portanto, como se o valor repousasse sobre uma medida imediata, no seio da produção, do tempo de trabalho. Num olhar mais atento, isso remete a uma problemática bastante “vulgar”, ligando valor e produção de bens materiais. Aqui se está bem longe de Vincent que não cessou de repetir (com boas razões) que o tempo de trabalho de que fala Marx não remete ao que seria a naturalidade imediata (física) do trabalho no seio da produção, mas a um conjunto de procedimentos sociais. Na ocorrência aqui, a medida (a comparação) dos tempos de trabalho se realiza através da venda de merca-

dorias no mercado, o que permite pôr em relação social os diversos trabalhos. Além disso, é preciso insistir no caráter contraditório do processo descrito por Marx nos *Grundrisse*, como o faz de maneira pertinente Postone no livro que acaba de ser traduzido ao francês, *Temps, travail et domination sociale* (Mille et une nuits, 2009). De um lado, a dinâmica do capital desenvolve de maneira considerável as forças produtivas que abrem para as possibilidades de que fala Marx, mas, de outro, ele não pode passar do tempo de trabalho imediato que o capital resegmenta sem cessar, já que a valorização (como processo de exploração) repousa sobre ele.

Henrique Amorim - Você prefaciou a nova edição do livro de Isaak Roubine. Qual é a importância deste livro e de Roubine para a teoria do valor-trabalho?

Antoine Artous - Escrito na Rússia dos anos 1920, este livro (que desapareceu com seu autor. Aqui o problema é outro, a tradução pode estar errada de fato o livro e o autor podem ter sumido, ou mesmo morrido, deve-se fazer uma consulta) é o primeiro texto que faz aparecer claramente a ruptura de Marx com a Economia Política Clássica, em particular com Ricardo. Ele leva a sério conceitos como o de trabalho abstrato e de fetichismo da mercadoria, que são elementos-chave da teoria marxiana do valor com, justamente, a teoria do valor de Ricardo⁵. Mais em geral - e isso me parece decisivo -, ele mostra como o ponto de partida das análises de Marx não são dados ‘natu-

5 David Ricardo (1772 - 1823): economista inglês, considerado um dos principais representantes da economia política clássica. Exerceu uma grande influência tanto sobre os economistas neoclássicos, como sobre os economistas marxistas, o que revela sua importância para o desenvolvimento da ciência econômica. Os temas presentes em suas obras incluem a teoria do valor-trabalho, a teoria da distribuição (as relações entre o lucro e os salários), o comércio internacional, temas monetários. A sua teoria das vantagens comparativas constitui a base essencial da teoria do comércio internacional. Demonstrou que duas nações podem beneficiar-se do comércio livre, mesmo que uma nação seja menos eficiente na produção de todos os tipos de bens do que o seu parceiro comercial. Ao apresentar esta teoria, usou o comércio entre Portugal e Inglaterra como exemplo demonstrativo. (Nota da IHU On-Line)

rais' ou 'técnicos', mas formas sociais; isto é, formas sociais de objetividade ligadas a relações sociais dadas. Este livro desaparecerá para só reaparecer nos anos 1970, justamente com uma reatualização destes conceitos-chave. Na França, estas correntes vão cristalizar-se notadamente na revista *Critiques de l'économie politique*, onde se encontra Vincent, mas também "jovens" economistas como Salama e Valier, ligados, num primeiro tempo, a Mandel. Eu retorno com mais detalhes sobre essa questão em meu prefácio⁶.

Henrique Amorim - Quais são suas censuras à análise de Ernest Mandel sobre a teoria do valor? Quais são as relações entre a análise de Mandel e de Rosa Luxemburgo?

Antoine Artous - Rosa e Mandel questionam uma certa visão cientificista, apresentando a economia política não como uma ciência da economia em geral, mas como uma economia dominada pelas relações mercantis e pelo processo de valorização. Dito isso, Mandel não trata da articulação do conjunto das categorias ligadas à teoria marxiana da qual acabo de falar. Assim, em *A formação do pensamento econômico de Karl Marx*, as categorias do fetichismo da mercadoria e do trabalho são ignoradas, e Marx é simplesmente apresentado como alguém que seguiu o esforço de cientificidade de Ricardo. A dimensão crítica é injetada do exterior de uma exposição muito clássica do valor-trabalho, em referência ao que seria uma teoria da alienação esboçada nos *Manuscritos de 1844*.

Henrique Amorim - A produção baseada sobre as NTICs⁷ supera a divisão entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo, entre tarefas de execução e de elaboração?

Antoine Artous - Creio que notadamente com Negri essas correntes tomaram pela letra extrapolações dos anos 1980 sobre as novas tecnologias.

⁶ Artous prefaciou a última edição da célebre obra de Isaak Rubin publicada pela Syllepse: *Essais sur la théorie de la valeur de Marx*. Este prefácio está disponível no link: <http://www.contretemps.eu/lectures/isaak-roubine-essais-sur-theorie-valeur-marx>. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. (Nota da IHU On-Line)

“O crescimento da produtividade do trabalho quer dizer que um mesmo número de trabalhadores produz, por um mesmo ritmo de trabalho, uma quantidade maior de mercadorias. Em que medida o trabalho dito ‘imaterial’ estaria fora disso?”

Dito isso (que não é difícil mostrar) a distinção de Marx entre trabalho produtivo/improdutivo não remete à natureza do trabalho, mas à análise das relações sociais que o estruturam. Para o capital, o trabalho produtivo é aquele que produz valor; pelo menos segundo Marx. Além disso, creio que a lógica do sistema repousa estruturalmente sobre a divisão entre trabalho de execução e de elaboração/direção. Marx o mostra muito bem em *O Capital* e algumas de suas análises prefiguram o desenvolvimento do dito fordismo. Naturalmente, isso mudou (embora não se tenha feito a demonstração do que seria uma nova forma de regulação). O desenvolvimento das NTICs permite pólos de autonomia relativa em certos setores, mas globalmente a economia organizada em rede e se apoiando sobre o *general intellect* produz sem cessar não-inteligência, novas segmentações e dominação.

Henrique Amorim - Como pensar a relação entre trabalho imaterial e trabalho material os relacionado aos conceitos de trabalho manual e trabalho intelectual de Marx?

Antoine Artous - Essas categorias fazem aparecer certas confusões atuais. O trabalho produz bens materiais ou

serviços, mas o próprio trabalho não pode ser imaterial, ele sempre mobiliza uma força de trabalho no quadro de um processo de produção dado. O trabalho dos caixas do grande comércio nada tem de um trabalho imaterial. No que concerne à categoria de trabalho intelectual e manual, creio ser preciso evitar uma concepção naturalista (os que trabalham com suas mãos ou com sua cabeça), ela visa a divisão entre as tarefas de execução e de concepção e direção de que se falou mais acima. Quanto à questão sobre a produtividade, acredita-se que o processo de produção, como processo de valorização, só pode referir-se à produção de um bem material e o trabalho imediatamente ligado a esta produção. O crescimento da produtividade do trabalho quer dizer que um mesmo número de trabalhadores produz, por um mesmo ritmo de trabalho, uma quantidade maior de mercadorias. Em que medida o trabalho dito “imaterial” estaria fora disso?

Henrique Amorim - Qual é a influência teórica de Jean-Marie Vincent sobre sua análise, sobretudo em relação à teoria do valor?

Antoine Artous - Nos anos 1960-70, em sua maioria, a tradição marxista não se interessava por essas questões (Althusser), seja que, em oposição a Althusser,⁸ reivindicava um “humanismo” marxista e da alienação, ou que, por vezes, se voltava para a teoria da coisificação [réification] de Lukács⁹ de *História e Consciência de Classe*. Mas, a teoria marxiana do valor, como teoria crítica da forma valor dos produtos do trabalho e das relações sociais ligadas à produção das mercadorias, eram pouco tratadas, pelo menos com *O Capital*, como “crítica da economia política”. E, fazendo isso, Vincent desenvolveu uma fórmula de Marx, nos *Grundrisse*, que escrevia que, com o capitalismo, as relações de dependência não se manifestam “de

⁸ Louis Althusser (1918-1990): filósofo marxista francês. Seu envolvimento com a ideologia marxista pode ser devido ao tempo gasto nos campos de concentração nazista, durante a segunda guerra mundial, depois da qual começou sua carreira acadêmica. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Georg Lukács (1885-1971): foi um filósofo húngaro de grande importância no cenário intelectual do século XX. (Nota da IHU On-Line)

maneira tal que os indivíduos são agora vistos por abstrações, enquanto antes eles eram dependentes uns dos outros". Vincent sistematizou esta análise da dominação através do que ele chamava de "abstrações reais"; isso é falar das relações sociais tornadas formas abstratas, dispondo de sua própria objetividade e circulando acima da cabeça dos indivíduos. É assim que o trabalho se tornara uma forma abstrata captando o agir dos indivíduos e dominando-o, não somente no momento da produção, mas ao longo de todo o processo de produção.

Henrique Amorim - Qual é o papel de Max Weber sobre o pensamento de Lukács? Quais os limites das análises pautadas pela questão do desenvolvimento da racionalidade econômica?

Antoine Artous - É fundamental, em *História e consciência de classe*, Lukács não parte, como Marx, da análise das relações de produção e de troca e do modo como ele estrutura as relações sociais, mas da categoria de Max Weber: a modernidade como produto da racionalização do mundo. E ele acrescenta sua própria teoria da reificação [ou coisificação] como, grosso modo, uma teoria da coisificação das relações sociais sob o efeito do cálculo. Este livro terá uma influência sobre certas correntes críticas, notadamente a Escola de Frankfurt¹⁰. E assim vai se construir toda uma série de categorias (racionalidade econômica, instrumental) através das quais a produção moderna/capitalista é fundamentalmente pensada como aplicação da ciência moderna à produção. Assim, para Gorz, racionalidade econômica é sinônimo de racionalidade capitalista. Vincent conhecia muito bem todos esses autores, e uma de suas contribuições é ter retomado algumas de suas temáticas, mas integrando-as na problemática marxiana da "crítica da economia política".

¹⁰ Escola de Frankfurt: Escola de pensamento formada por professores, em grande parte sociólogos marxistas alemães. Abordou criticamente aspectos contemporâneos das formas de comunicação e cultura humanas. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos como indústria cultural e cultura de massa. Entre os principais professores e acadêmicos da Escola podemos destacar: Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1885-1973), Walter Benjamin, Herbert Marcuse (1917-1979), Franz Neumann, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA
PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Teologia Pública

“A energia máxima será sempre o amor”

Ana Luisa Janeira explica o conceito de energética teilhardiana e como Teilhard de Chardin formulou a tese que se tornou a base de seu pensamento

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Ana Luisa Janeira considera Teilhard de Chardin um pensador que desenvolve suas ideias a partir de um conceito de evolução muito próximo ao seu pensamento (de Teilhard de Chardin) e que tem uma visão marcadamente espiritualista da evolução, além de teológica e sintética. A filósofa portuguesa esteve na Unisinos no último mês de setembro, participando do IX Simpósio internacional IHU: Ecos de Darwin, onde proferiu a conferência intitulada “A energética teilhardiana: missão evolutiva em terras cristãs”. A entrevista que segue foi concedida pessoalmente. Janeira explica que, segundo Teilhard de Chardin, tudo se desenvolve “numa lei da complexidade consciente. Quanto mais a matéria é complexa, maior consciência haverá. E, nesse caso, a pessoa humana aparece como aquela que sabe o que sabe, isto é, saber ao quadrado. Ela não é o término da evolução, ela é um marco, e, a partir dela, a evolução é constituída, não em termos de cosmogênese, nem de biogênese, mas em termos de noogênese, criando a noosfera. E essa noosfera é que é fundamentalmente a dimensão sociológica da evolução”.

Ana Luisa Janeira é professora na Universidade de Lisboa, Portugal, doutora em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris I, e autora de *A Energética no Pensamento de Teilhard de Chardin* (Livraria Cruz-Faculdade de Filosofia, 1978). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é a energética teilhardiana?

Ana Luisa Janeira - A partir da segunda metade do século XIX, quando foram assumidas a primeira e a segunda lei da termodinâmica, houve uma movimentação do pensamento dominante para as questões da energia. E o conceito de energia tornou-se muito influente, quase como o conceito de evolução. A partir de certa altura, começou-se a falar de evolução de várias coisas, que é um conceito gerado no interior da geologia e da biologia, e que depois se expande para outras áreas. O mesmo acontece com o conceito de energia. E então, Teilhard de Chardin,¹ que nasce

sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas *Notícias do Dia* do site do IHU, www.ihu.unisinos.br, de 16-06-2006, *Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão*. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158268345.05pdf.pdf>. A edição 304 da IHU On-Line, de 17-08-2009, intitula-se *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158267341.59pdf.pdf>, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://>

em 1881, apercebe-se, durante sua formação, da importância desse conceito, e desenvolve uma visão do mundo, uma ideologia baseada na questão da energia. E é isso que ele chamou de energética. E é isso que ele chamou de energética, que se caracteriza pela existência de duas energias: a energia tangencial e a energia radial. A energia tangencial atua ao nível da matéria, e a energia radial atua ao nível do espírito. E Teilhard definiu uma relação entre as duas, dizendo que para uma energia máxima tangencial há um mínimo de energia radial. E

www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158266847.13pdf.pdf, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158266098.47pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

¹ Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com

que para uma energia máxima radial, há um mínimo de energia tangencial. E isso constituiu, de fato, a partir de um momento importante da vida dele, a base do seu pensamento. E ele equacionou todo o pensamento a tal ponto que, por inerência deste conceito, a energia máxima será sempre o amor.

IHU On-Line - Muitas pessoas chamam Chardin de “Darwin católico”. Que aproximações a senhora faria entre ambos os cientistas?

Ana Luisa Janeira - Ah, eu não faço aproximação nenhuma. Considero que Teilhard é um pensador que desenvolve suas ideias a partir de um conceito de evolução muito próximo ao seu pensamento e que tem uma visão marcadamente espiritualista da evolução, além de teológica e sintética. Espiritualista porque, em última análise, a evolução tende para um aumento do espírito; sintética porque ele não tem uma visão da descrição da energia à maneira, por exemplo, de Bergson,² e, simultaneamente, tem um conceito finalista de evolução. Não sou muito partidária de grandes comparações, porque era preciso que eu conhecesse tanto Darwin quanto Teilhard para poder compará-los. Conheço mais Teilhard, por isso é preferível não fazer comparações.

IHU On-Line - O que caracteriza a ideia de evolução no pensamento de Teilhard de Chardin?

Ana Luisa Janeira - No caso de Teilhard, tudo se desenvolve, segundo ele diz, numa lei da complexidade consciente. Quanto mais a matéria é complexa, maior consciência haverá. E, nesse caso, o homem aparece como aquele que sabe o que sabe, isto é, saber ao quadrado. Ele não é o término da evolução, ele é um marco, e, a partir dele, a evolução passa, é constituída, não em termos de

“No caso de Teilhard, tudo se desenvolve, segundo ele diz, numa lei da complexidade consciente. Quanto mais a matéria é complexa, maior consciência haverá”

cosmogênese, nem de biogênese, mas em termos de noogênese, criando a noosfera. E essa noosfera é que é fundamentalmente a dimensão sociológica da evolução.

IHU On-Line - Em sua opinião, Chardin conseguiu harmonizar teoria da evolução e cristianismo?

Ana Luisa Janeira - Essas harmonias nem sempre são muito conseguidas. Muitas vezes, elas acabam por destruir, anular, ou reduzir certas diferenças. Mas como projeto foi algo muito consistente e muito bem conseguido. Evidentemente que muitos católicos continuaram a achar que as ideias dele não têm consistência do ponto de vista da teologia cristã ortodoxa, e também muitos cientistas continuaram a achar que as propostas que ele tem não contribuem em absolutamente nada com as ideias mais avançadas da evolução do ponto de vista científico.

IHU On-Line - Os críticos de Chardin acusam-no de ter uma visão demasiado otimista da natureza, que flerta com o panteísmo. Em que medida o jesuíta se inspira em Darwin para compor a sua cosmovisão?

Ana Luisa Janeira - Acho que não. Ele tinha uma forte personalidade e uma maneira única de ser, de intimidade constante com a natureza. É provável que algo tenha acontecido com ele desde criança, porque ele nasce e vive numa zona onde domina uma imensa montanha e onde a

natureza é muito exuberante, principalmente o espetáculo geológico de uma elevação imensa com características muito fortes. Parece que seu pai era fascinado pelas questões da geologia, das rochas, e é natural que ele tenha vivido essa sintonia, esse casamento com a natureza de uma forma muito intensa. E isso foi se desenvolvendo depois, pois ele se tornou paleontólogo, acabou vivendo no mundo dos biólogos e geólogos e isso cria naturalmente uma aproximação. Agora, não sei se é panteísta, ou se não é. O que interessa é a sua capacidade de escrever quando se encontra no deserto e não tem outra opção. *La messe sur le monde*³ é de uma paz incontornável para a cultura no século XX.

IHU On-Line - Qual é o significado de se comemorar o bicentenário do nascimento de Darwin?

Ana Luisa Janeira - A Unisinos, no fundo dessas comemorações, posiciona-se com uma vanguarda avançada de pensamento e se mostra capaz de reconhecer em Darwin uma figura que inovou diante de suas possibilidades e de seus limites, num pensamento arrojado, original, criativo, revolucionário até. É algo muito importante nesse momento em que vivemos no mundo, muitas vezes, marcado por um conformismo, uma formatação que é própria da televisão, e há uma tendência muito forte para a normalização entre as pessoas. Darwin continua sendo um exemplo de alguém que arrojou com uma estratégia especial.

LEIA MAIS...

>> Ana Luisa Janeira já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

* *Perfil - Ana Luisa Janeira*. Publicada na IHU On-Line número 311, de 19-10-2009, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1863&id_edicao=339;

* *Missões jesuítas em terras não cristãs*. Publicada na IHU On-Line número 313, de 03-11-2009, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1881&id_edicao=341.

³ A missa sobre o mundo. (Nota da IHU On-Line)

² Henri Bergson (1859-1941): filósofo e escritor francês. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'Évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da IHU On-Line, de 24-09-2007, *A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois*. (Nota da IHU On-Line)

SIGA O twitter DO IHU



twitter Login Join Twitter!

Hey there! **_ihu** is using Twitter.

Twitter is a free service that lets you keep in touch with people through the exchange of quick, frequent answers to one simple question: What are you doing? **Join today** to start receiving **_ihu's** tweets.

Join today!

Already using Twitter from your phone? [Click here.](#)

_ihu

Começa hoje Ciclo de Estudos em EAD Veblen e o comportamento humano. Um século de "Teoria da Classe Ociosa" <http://migre.me/5IZQ>

about 5 hours ago from web

"Nosso horizonte é erradicar a fome no Brasil em 2015", afirma Patrus Ananias em entrevista ao jornal El País.

Name IHU
Location Brasil
Web <http://www.unisinos.br>

39 following 162 followers

Tweets 656

Favorites

Following

http://twitter.com/_ihu



A cultura do excesso e alguns mitos da interatividade

Entre as mudanças decorrentes da chamada Revolução Informacional, dois aspectos marcantes circundam os debates em torno do tema: a multiplicação dos meios e fluxos comunicacionais, e o surgimento de inúmeros canais de interatividade que supostamente possibilitam maior participação das audiências. Mas até que ponto estas transformações estão operando no sentido de ampliar o debate público e promover o desenvolvimento humano?

POR RODRIGO JACOBUS*

A carga de transformações da chamada Revolução Informacional vem interferindo significativamente no *modus vivendi* das sociedades contemporâneas. Novas rotinas são estabelecidas nas relações sociais, compondo um quadro de incertezas oriundo da necessidade de adequação à velocidade intrínseca ao crescente desenvolvimento tecnológico. Paul Virílio,¹ em sua obra *A arte do motor*,

1 Paul Virílio: urbanista e filósofo francês, nascido em 1932. Estuda e critica efeitos perniciosos da velocidade nas relações sociais contemporâneas, desde os seus reflexos no processo cognitivo até suas implicações na política. É autor, entre outros, de *Guerra Pura* (São Paulo: Brasiliense, 1984); *O espaço crítico* (Rio de Janeiro: Editora 34, 1993); *A máquina de visão* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1994); *Velocidade e Política* (São Paulo: Estação Liberdade, 1996); *A bomba informática*

antevê mazelas decorrentes dos novos tempos, em que a midiatização generalizada ocupa papel determinante, e a reflexão, calcada no raciocínio e na memória, cede lugar a um agir condicionado por reflexos. A redução dos espaços que definem as distâncias reais e físicas rompe com a grandeza natural do mundo e associa-se à lei do menor esforço, introduzindo um consumo desmedido de invenções que tendem a aumentar a velocidade de tudo. No enalço desta lógica, cujo

(São Paulo: Estação Liberdade, 1999) e *Ville panique* (Paris: Galilée, 2004). Reproduzimos duas entrevistas com Virílio sobre o seu livro *Ville Panique*, uma na 108ª edição da IHU On-Line, de 05-07-2004, outra na 136ª edição, de 11-0-04-2005. Dele, também publicamos outra entrevista na 95ª edição da IHU On-Line, de 05-04-2004. (Nota da IHU On-Line)

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (FABICO/UFRGS). Atua na comunicação comunitária como colaborador junto à Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária do Rio Grande do Sul (ABRAÇO-RS) e radiocoms de Porto Alegre e Região Metropolitana. É membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade (CEPOS/UNISINOS). E-mail: rodrigojacobus@gmail.com



Coordenador do Grupo: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
Editor da Coluna: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

www.grupocepos.net

discurso propõe eficiência, pressupõe-se maior aproximação interpessoal e participação interativa. Na prática, a cultura do excesso corrompe as possibilidades e potenciais do ferramental tecnológico.

O ritmo resultante dessa combinação acelera o viver de modo questionável. A voracidade da produção atravessa a esfera pública e gera uma recepção desenfreada da densa carga informacional, de modo que o ganho temporal acaba tomado pela própria lógica que o criou, ocupando-se de modo muito mais quantitativo que qualitativo. Junto à expansão dos espaços comunicacionais, cujo desenvolvimento está diretamente associado à crescente popularização da Internet e à consequente digitalização dos meios, é inegável que se ampliam as possibilidades de produção e participação. Em contrapartida, as relações humanas são cada vez mais marcadas pelo efêmero e o fugaz, conduzindo a uma espécie de isolamento físico que caracteriza uma das principais faces do chamado hiperindividualismo. Se, por um lado, há uma crescente qualificação técnica que expande as capacidades humanas a limites nunca imaginados, por outro, há uma redução dos vínculos com a realidade, estabelecendo-se uma atomização que se amplifica na mesma medida em que a tecnologia enquanto bem de consumo invade os cotidianos.

Há um abismo entre o avanço tecnológico e a nossa capacidade de avaliar e lidar com a real necessidade de tantas opções. A cultura do excesso tende a contaminar os debates com discursos publicitários excessivamente otimistas, que relativizam as contradições e omitem

o fato de que a exagerada fartura de inovações é imanente ao modo de produção capitalista, movido por uma carga de intencionalidades que atuam como o grande motor dos motores de Virílio. Assim, se as novas tecnologias ampliam e dinamizam a nossa capacidade de interação e acesso à informação, não obstante podem agir modestamente no sentido de promover a reflexão. A imposição cultural da lógica quantitativa em detrimento da qualitativa, a supervalorização do avanço técnico em lugar do conteúdo, e a submissão da audiência à lógica do mercado abrem demasiado espaço à entorpecente indústria do entretenimento e à reafirmação cíclica do culto ao hedonismo. O amanhã é tratado com certa indiferença, sob a ótica de um despretenso olhar vislumbrado, conformado com as possíveis consequências da produção em um modelo com tendências centralistas e monopolistas.

Entre as consequências mais graves deste nebuloso caminho, há o risco eminente de um colapso social tal qual Saramago² alertou em seu *Ensaio sobre a cegueira*. Uma quebra no fluxo a que estamos habituados pode jogar a sociedade no caos e rapidamente esmagar os projetos civilizatórios sob orientação hegemônica do capitalismo. E,

² José Saramago (1922), escritor português, Nobel de Literatura em 1998. É conhecido por utilizar-se de frases e períodos compridos, usando a pontuação de uma maneira não-convenção (aparentemente incorreta aos olhos da maioria). Entre suas obras, destacam-se: a) Poesia: *Os Poemas Possíveis* (1966), *Provavelmente Alegria* (1970); b) Crônica: *Deste Mundo e do Outro* (1971); c) Teatro: *A Noite* (1979); *Que Farei com Este Livro?* (1980); d) Contos: *Objecto Quase* (1978); e) Romance: *Levantando do chão* (1980), *A jangada de pedra* (1986); *A caverna* (2001), *O homem duplicado* (2002); *Ensaio sobre a lucidez* (2004). (Nota da IHU On-Line)

neste caso, é grande a possibilidade de uma convulsão social sem precedentes, pois a grande maioria não está preparada para uma repentina interrupção cultural. Os estímulos a que estamos sendo submetidos nos tornaram irresponsavelmente dependentes da estrutura oferecida, e esta se tornou mais importante que nós mesmos. Urge a necessidade de um rompimento de caráter distributivo e organicamente orientado para uma nova lógica, mais próxima do pensamento sistêmico e orientada pela solidariedade e pelo bem-estar social para além de discursos políticos eleitoreiros e falaciosos.

A diluição informacional inerente à Internet tende a comprometer a visibilidade massiva, mas sugere uma falsa aparência de participação efetiva. Em termos de interferência na esfera pública, por exemplo, é preciso aceitar que o movimento em torno dos inúmeros blogs independentes ainda é incapaz de competir com a influência da grande mídia monopólica, que continua concentrando as maiores audiências em torno do viés mercadológico. Assim, é necessário valorizar as alternativas descentralizadoras, mas também é preciso resgatar o envolvimento da sociedade civil na elaboração do próprio rumo, ampliando o debate público em torno de temas comuns à grande maioria e combatendo a excessiva diluição das informações veiculadas. É preciso reconsiderar a lógica de produção da mídia e buscar a formação de redes que compartilhem objetivos, rompendo com a ideia de audiência enquanto produto e fomentando a participação real dos receptores para muito além do papel de meros consumidores.



Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 17-11-2009 a 21-11-2009.

“O mundo mudou e com ele as formas de propriedade também mudaram”.

Entrevista com Sergio Amadeu

Confira nas Notícias do Dia de 17-11-2009

“Quando a sociedade muda e acaba apostando num tipo de tecnologia que é baseado na troca de bens e materiais, que não tem desgaste nem escassez, de arquivos digitais que podem ser copiados uma vez ou um milhão de vezes sem nenhuma alteração do seu original, nós estamos numa outra fase”, aposta o professor.

SUS: “Saúde é uma responsabilidade pública”.

Entrevista com Veralice Maria Gonçalves

Confira nas Notícias do Dia de 18-11-2009

“Quem constrói e faz o SUS acontecer é a população, mas, em muitos casos, ela não conhece a sua força na discussão das prioridades e ações que têm que ser realizadas no Sistema Único de Saúde”, afirma a gestora do DATASUS/RS.

Hidrelétricas no Tapajós: “Nós dependemos da Amazônia para sobreviver, como é que vamos estragar tudo?”

Entrevista com Jesielita Gomes

Confira nas Notícias do Dia de 19-11-2009

“O pessoal fala que a Amazônia é o pulmão do mundo. Nós estamos no centro da floresta, então aqui é o coração. Se nós somos o coração, será que as hidrelétricas não vão prejudicar esse coração? Nós dependemos da Amazônia para sobreviver, como é que vamos estragar tudo?”, protesta a coordenadora do Movimento Tapajós Vivo.

O BNDES na visão dos movimentos sociais.

Entrevista com Luiz Dalla Costa.

Confira nas Notícias do Dia de 20-11-2009

Primeiro Encontro Sul-americano de Populações Afetadas por Projetos Financiados pelo BNDES discutirá o impacto social e ambiental dos grandes projetos financiados pelo BNDES. “Queremos que o BNDES seja um banco público, de interesse público e popular e o mais democrático possível”, afirma o coordenador do Movimento por Atingidos por Barragens - MAB.

Zen Budismo brasileiro: uma construção a partir de uma tradição milenar

Entrevista com Monja Kokai

Confira nas Notícias do Dia de 21-11-2009

Na última sexta-feira, dia 20-11, o Mestre Moriyama Rōshi, considerado um dos maiores mestres vivos do Zen-Budismo japonês, esteve em São Leopoldo. Monja Kokai, líder religiosa do centro de práticas Zen Vale do Sinos, comenta a importância dessa visita e aborda outros aspectos da prática zen.

**Leia as Notícias do Dia em
www.ihu.unisinos.br**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

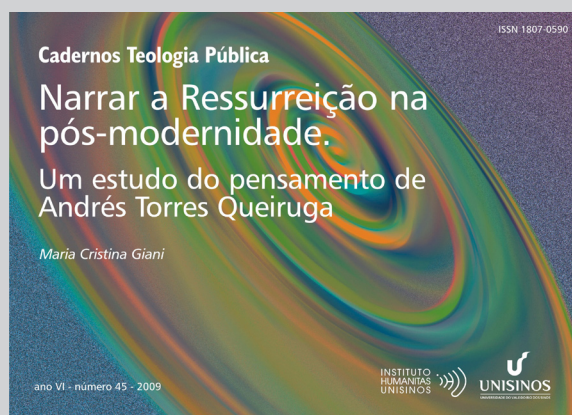
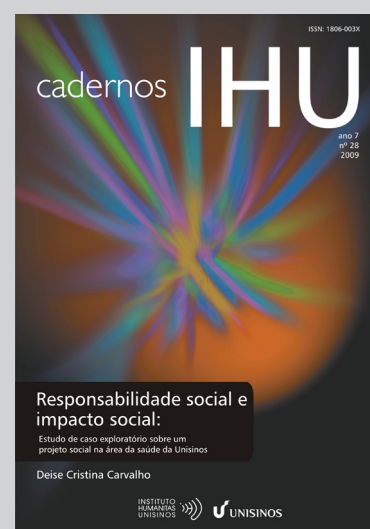
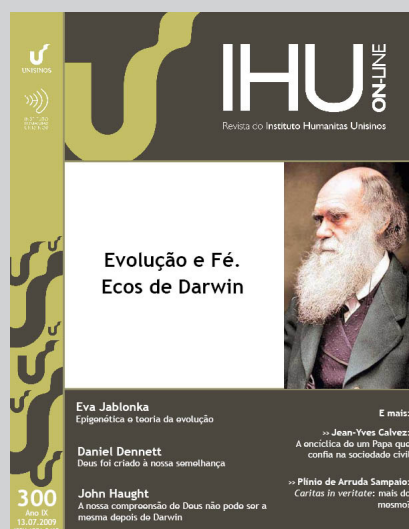
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR



Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU
(www.ihu.unisinos.br).

Dia 26-11-2009

IHU ideias

Prof. Dr. Alfredo José da Veiga-Neto - Ulbra
Governamentalidade neoliberal e Educação: problematizações a partir de Michel Foucault

Participe dos eventos do IHU

A programação completa está
disponível no endereço eletrônico

www.ihu.unisinos.br



IHU Repórter

Gelson Fiorentin

POR PATRICIA FACHIN | FOTO ARQUIVO PESSOAL

Gelson Fiorentin nasceu no noroeste do Rio Grande do Sul e, ainda jovem, em busca de formação universitária, mudou-se para São Leopoldo onde conheceu a Unisinos. Formado pela instituição, há vinte anos ele integra o corpo docente do curso de Biologia da Unisinos e acompanha a história da universidade desde a década de 80. Na entrevista que segue, ele conta alguns aspectos desta trajetória e fala sobre seu trabalho no PASEC. Confira.



Origens - Nasci no município de Constantina, no Rio Grande do Sul. Meus pais eram agricultores e, aos seis anos, comecei a trabalhar na lavoura. Tenho mais dois irmãos mais velhos. Trabalhei no interior com meu pai até os 17 anos e, nesse tempo, também vendi pasteis e picolés. Por alguns meses, também trabalhei com meu irmão em um escritório de contabilidade. Lá, conheci uma funcionária que me incentivou a continuar os estudos e a sair da cidade.

Vida de estudante - Me aventurei com mais oito colegas para estudar fora da minha cidade e me mudei para Passo Fundo. Lá cursei o pré-vestibular. Na cidade, trabalhei como *office-boy* e depois atuei na área de cobrança bancária. Alguns colegas que iriam prestar vestibular para engenharia na Unisinos me convidaram

para estudar na universidade. Eu gostava da área de ciências biológicas, mas ainda não tinha convicção sobre que curso escolher. Aceitei o convite e mudei para São Leopoldo com eles. Optei pela Biologia, uma área que sempre gostei, pois tive contato, desde pequeno, com animais e plantas.

Em São Leopoldo, morei num edifício onde hoje é o Hotel Colina. Nós o apelidamos de “cachopão”, porque o prédio não tinha reboco. Do outro lado da rua, existia o arvoredo, onde ficavam hospedadas as moças, também alunas da universidade. Para nós, estudantes, era importante ficar nesse local porque não tínhamos despesas com passagem para se deslocar até a universidade e ainda almoçávamos e jantávamos na Unisinos, no Restaurante Universitário - RU.

Formação acadêmica e trajetória profissional - Quando iniciei os estu-

dos na Unisinos, fui contemplado pelo Crédito Educativo e, então, paguei a matrícula e ganhei uma ajuda de custo para poder estudar. No decorrer do curso, desenvolvi atividades voluntárias sob orientação do padre Josef Hauser,¹ com planárias. Na época, o curso de Biologia oferecia duas licenciaturas: a Curta e a Plena. Em 1984, me formei na Licenciatura Curta, o que confere o direito de lecionar no ensino fundamental. No ano seguinte, concluí a Licenciatura Plena e passei a lecionar no Colégio Rio Branco, em São Leopoldo. Em março de 1985, iniciei a pós-graduação na Pontifícia

¹ Confira a edição número 92 da IHU On-Line, de 15-03-2004, intitulada *Homenagem ao Pe. Josef Hauser*. (Nota da IHU On-Line)

Universidade Católica - PUC-RS e, um ano mais tarde, recebi uma bolsa do CNPq e me dediquei ao mestrado. Em 1987-88, fui diretor da Reserva Biológica da Sagrina, em Ronda Alta, Rio Grande do Sul. Concluí o mestrado em 1989 e, em seguida, fui chamado para trabalhar na Unisinos, como professor do curso de Biologia. Num período de crise da universidade, fiquei afastado da sala de aula, mas permaneci trabalhando com o padre Hauser, com planárias e insetos aquáticos. Em 1991 e 1992, também fui secretário do Meio Ambiente de São Leopoldo. Essa foi uma experiência interessante. Ainda não concluí o doutorado e sou professor da graduação em Biologia. Também atuo no curso de Enfermagem, na área de parasitas. Além disso, sou coordenador do Programa de Ação Sócio-Educativo na Comunidade - PASEC. Dentro deste programa, existe o projeto Horta Mãe-da-Terra na escola Municipal Santa Marta, em São Leopoldo, onde trabalham técnicos e monitores da Biologia, Nutrição e Serviço Social. Trabalhamos no contra-turno escolar e atendemos cerca de 80 crianças e adolescentes. A horta é motivacional para a participação dos jovens. O Serviço Social faz visitas nas residências dos alunos para avaliar situações de vulnerabilidade, o setor de Nutrição trabalha com a Educação Nutricional, enquanto a Biologia é responsável pelas questões ambientais tais como a preparação do solo para o plantio, a colheita, a importância da separação do lixo, a formulação de compostagem, a recuperação de nascentes e a captação da água da chuva para irrigação. Recentemente, conseguimos a aprovação de um projeto na secretaria do Meio Ambiente para implantar um aquecedor solar com garrafas pets. É um trabalho bastante interessante, tanto para a

formação dos nossos acadêmicos como para os estudantes, que estão cercados pela violência doméstica e vários aspectos de vulnerabilidade. Nosso trabalho visa o desenvolvimento de ações interdisciplinares.

Unisinos - Muitos dos alunos que estudaram comigo tinham o sonho de trabalhar na Unisinos. Quando estudávamos, a universidade tinha uma

“Sonho em manter a qualidade de vida, a cultura e a educação em minha família. Também gostaria de ver todas as comunidades vivendo com mais dignidade, num ambiente saudável e com condições de vida mais adequadas. Além disso, gostaria de ver a ‘comunidade’ política reduzida em 70%”

estrutura bem diferente, não existia a Avenida Unisinos, apenas uma rua com muito barro vermelho, e brincávamos que quando o campus estivesse pronto, estaríamos lecionando na universidade. Trabalhar aqui é agradável. Valeu todo o esforço.

IHU - Conheço o IHU desde a sua formação. É um importante ponto de referência na universidade.

Família - Sou casado com uma bióloga, Ligia Pons, e tenho três filhos: Guilherme, de 17 anos, que está se preparando para prestar o vestibular em Economia; Débora, 15, que está cursando o primeiro ano do ensino médio; e o Pedro Henrique, nosso caçula, tem 9 anos e cursa a quarta série do ensino fundamental. O Gui sabe tocar guitarra, e a Débora e o Pedro estão aprendendo a tocar bateria: tenho uma banda em casa. Minha esposa é professora de Histologia na Ulbra. Residimos em Canoas.

Lazer - Gosto muito de ficar em casa, mas minha esposa é mais nômade. Então, temos um equilíbrio. Aproveito o tempo livre para organizar o pátio, mexer na terra, plantar e brincar com meus filhos. Também gosto de viajar, na medida do possível, e fazer caminhadas relaxantes. Sou gremista, e quando posso, assisto aos jogos. Consigo reunir a família no período das férias, porque no decorrer do ano sempre nos envolvemos muito com o trabalho.

Sonho - Profissionalmente, quero terminar o doutorado. Às vezes, nos desiludimos. Sonho em manter a qualidade de vida, a cultura e a educação em minha família. Também gostaria de ver todas as comunidades vivendo com mais dignidade, num ambiente saudável e com condições de vida mais adequadas. Além disso, gostaria de ver a “comunidade” política reduzida em 70%.

Religião - Sou católico e tenho a minha fé, mas creio que a grande religião é saber viver, respirar o ar, curtir o sol e dar condições para que todos possam viver com dignidade.

Destaques

Governamentalidade neoliberal, educação e Foucault

Na próxima quinta-feira, dia 26 de novembro, o tema do evento **IHU ideias** será *Governamentalidade neoliberal e Educação: problematizações a partir de Michel Foucault*, a ser apresentado pelo Prof. Dr. Alfredo José da Veiga-Neto, professor na Ulbra. O **IHU ideias** é realizado pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, sempre às quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. A entrada é gratuita.

IHU no Fórum Social Mundial

O IHU, em parceria com o Curso de Serviço Social, está preparando o **IV Seminário de Políticas Públicas**, que acontecerá em 27-01-2010, no Anfiteatro Padre Werner, na Unisinos. A quarta edição do evento compõe um conjunto de atividades autogestionárias do **Fórum Social Mundial 2010**. O Fórum está de volta a Porto Alegre na edição em que comemora seus 10 anos e será realizado de 25 a 29 de janeiro de 2010. Também no dia 26 de janeiro de 2010, o IHU participará do **Fórum Mundial de Teologia da Libertação**, que se realizará na Escola Superior de Teologia - EST. O Instituto é uma das Instituições que integra o Conselho Permanente do FMTL e apóia a atividade do FMTL no FSM - 10 anos, com a temática: *Libertação e Teologia. Direito e justiça. Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram* (Sl 85,10).

10-12: inauguração e debate sobre Ignacio Ellacuría e companheiros

Para lembrar o assassinato de seis padres jesuítas, a funcionária da residência e sua filha de 15 anos, no dia 16 de novembro de 1989, no jardim da comunidade jesuíta da Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas (UCA), em El Salvador, e celebrar a importância desse martírio para o contexto latino-americano, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU irá exibir o debate *Memory and Its Strength: The Martyrs of El Salvador* [A memória e sua força: Os mártires de El Salvador], que irá ocorrer no Boston College, nos Estados Unidos, no dia 30 de novembro. Nesse encontro, o filósofo norte-americano Noam Chomsky e o jesuíta, teólogo e co-fundador da UCA, Jon Sobrino irão debater sobre a importância dessa memória, mediados pelo jesuíta e reitor emérito do Boston College, J. Donald Monan. A exibição no IHU, traduzida ao português, irá ocorrer no dia 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos. Nessa data, como homenagem póstuma da Unisinos, a atual sala de eventos do IHU - 1G119 - será reinaugurada como Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros. Leia mais em **"Sala Ignacio Ellacuría - Memorial"** (http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_content&task=view&id=330&Itemid=102)

IHU Contracapa


UNISINOS


INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS